

FORÇA ITALIANA



HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

volume II

MUSEU
CASA DA
MEMÓRIA
ITALIANA

DANIELA PENHA

Instituto Casa da Memória Italiana

**Força Italiana:
Histórias de Família**
volume II

Daniela Penha

2026

“Dalla Italia noi siamo partiti”
‘Mérica, Mérica’ - Canto de Imigrantes

FOMENTO

**Programa de Ação Cultural
ProAC ICMS**

PATROCÍNIO PRATA

aljiage

PATROCÍNIO



APOIO



ASSESSORIA DE IMPRENSA



REALIZAÇÃO

**MUSEU
CASA DA
MEMÓRIA
ITALIANA**



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

Instituto Casa da Memória Italiana

Diretoria

Presidente

Eduardo Marchesi de Amorim

I Vice-Presidente

Maurílio Biagi Filho

II Vice-Presidente

Vincenzo Antonio Spedicato

Diretora Administrativa

Adriana Silva

Diretora Artística

Weimar Marchesi de Amorim

Conselheiros

Caetano Barros Biagi

Antonio Fernando Tittoto

Cláudia Maria Carrara Lelis

Henrique Telles Vichniewski

Nilton Campos

Museu Casa da Memória Italiana

Gestores

Gabriel Azarias

Mônica Jaqueline de Oliveira

Coordenadores

Maria Augusta Scatena Lopes

Thales Eduardo Sposito

Colaboradores

Edison Braga Soares

José dos Reis Oliveira

Marcel Brito Silva

Leiza Roméria Silva de Sousa

Bartolomeu de Lima Silva

Força Italiana: Histórias de Família volume II

Pesquisa e textos

Daniela Penha

Diagramação

Affonso Malagutti

Revisão

Eva Barbosa

Fotos

Daniela Penha

Mari Ambrosio

Capa

Família Tittoto em 1985. Autor desconhecido.

Contracapa

Registro da nonna Sebastiana
Cassarino Micheli, rodeada pela
família. Autor desconhecido.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Penha, Daniela

Força italiana : histórias de família / Daniela Penha. -- Ribeirão Preto, SP : Instituto Casa da Memória Italiana, 2026. -- (Força italiana ; 2)

ISBN 978-65-997524-2-1

1. Famílias - Histórias 2. Filhos de imigrantes - Brasil 3. Histórias de vida 4. Imigração - Itália - História 5. Imigrantes - Brasil - História 6. Memórias I. Título. II. Série.

26-383681.1

CDD-929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Família : Histórias de vida 929.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

O fio da memória: para que permaneça

Daniela Penha

volume II

Quando começamos a pensar o Força Italiana, lá em 2019, imaginei que seria um projeto delicioso de realizar. Não cheguei perto de vislumbrar o que ele representou para mim, no entanto. Escutando, conhecendo e escrevendo trajetórias de famílias italianas que escolheram Ribeirão Preto e região para fincar suas raízes, pude mergulhar nas minhas próprias memórias. As mesas fartas de quitutes e sorrisos que me receberam, trouxeram de volta o tempero de minha avó. Mas foi nas falas firmes e cheias de entonação que revisei a força que também faz parte da minha ancestralidade.

Foi assim na primeira edição, que se tornou livro em 2023, e, novamente, nesta segunda edição, que agora chega a estas páginas, escritas com entrega e alegria.

O projeto Força Italiana foi idealizado com o objetivo de registrar as histórias dessas famílias, por meio da narrativa das memórias de quem deu continuidade ao percurso iniciado gerações antes. Escolhemos esse nome por acreditar que a força é o fio que conduz e entrelaça essas trajetórias singulares.

Uma força que se materializou nas diversas formas de trabalho, a que o povo italiano se dedicou, para refazer a vida em outras terras. Terras que se tornaram pátria para quem partiu em busca do pão. E, depois, chão de progresso das gerações que

chegaram e somaram.

Escolhemos, assim, retratar as forças do trabalho, em suas muitas áreas. Em Ribeirão Preto e região, a herança italiana está na culinária, na construção civil, no comércio, nas artes, na agricultura: em todo lado. Basta olhar e buscar para encontrar a marca italiana, em um sobrenome muitas vezes modificado pela comunicação entre línguas diferentes.

Um dos entrevistados disse-me que, muitas vezes, se pergunta o que motivou seus antepassados a deixarem tudo o que conheciam e partirem rumo a uma vida completamente nova e desconhecida. Eu chego a supor que, para enfrentar tamanho desafio, foi preciso que a coragem, de mãos dadas com a necessidade de uma vida nova, viesse em tal dose que calasse o medo.

Nesta edição, são oito as famílias retratadas. Uma produção de fôlego. Tivemos apenas seis meses para entrevistar, fotografar, documentar e escrever as histórias que compõem essa obra. Um tempo pequeno para a dimensão de cada trajetória e dos afetos que as famílias carregam entre memórias, fotografias, objetos, documentos, casas que, por si só, são capítulos inteiros. Topei o desafio porque acredito que registrar essas histórias é urgente e muito necessário.

Durante o processo de produção, essa certeza tornou-se ainda mais nítida. Um dos guardiões da história de uma das famílias retratadas foi internado na semana em que faríamos sua entrevista. Não deu tempo de colhermos as memórias dele, que faleceu dias depois. Uma perda sem medidas. As memórias de uma pessoa são únicas. Se não há o registro, se esvaem junto com a vida. Parte a história, sem volta.

É preciso guardar a memória. Registrar o passado e o presente, como alicerces do que virá. Neste livro, pudemos guardar a trajetória de oito famílias. Tive, assim, a possibilidade de me encantar com as trajetórias dos que vieram, mas também daqueles que seguiram o fio.

Para que as histórias pudessem ser narradas, foi preciso que, dentro das famílias, alguém desse o primeiro passo na desafiadora jornada de buscar os vestígios do passado, coletar depoimentos, documentos, dados que ajudassem a formar o quebra-cabeça que não se inicia quando o navio parte, mas muito antes. As primeiras e decisivas peças estão do outro lado do oceano.

Como é bonita a busca pela raiz da história. Pude conhecer pessoas que dedicaram décadas de suas vidas a encontrar os fios do passado e atá-los ao presente. Assim, entregaram, aos filhos e netos, um precioso legado: a clareza sobre a própria origem. Não há presente mais bonito.

Receitas que atravessam gerações, formas de celebrar e chorar, costumes, festas: heranças compartilhadas. Há uma, no entanto, que me arrebatava. O jeito de ver e viver a

vida. Aquela certeza de que é sempre possível - mesmo transpondo oceanos. Aquela força, talvez? Ainda sem que uma palavra seja dita, ela vai sendo apre(e)ndida e ensinada.

Que esta seja mais uma entre tantas edições que ainda virão, para que estas e diversas outras histórias já vividas continuem sendo contadas, registradas e guardadas. O fio da memória: para que permaneça.

Celebremos a Força Italiana

É difícil encontrar um ribeirão-pretano que nunca tenha provado o famoso sorvete do Geraldo! Pouca gente sabe, entretanto, que na raiz dessa delícia está a história da família Caramori, que partiu de Treviso, na Itália, com destino ao Brasil.

De Lázari, Toniello, Titoto, Costanzo: tantas outras famílias italianas precisaram partir, atravessar o oceano e recomeçar.

O que tiveram em comum? Força italiana: é a resposta que nos trouxeram as histórias narradas por italianos - e seus descendentes - que escolheram Ribeirão Preto e região para recomeçar. E assim nomeamos esse projeto, que chega à sua segunda edição, com a proposta de resgatar memórias e costurar histórias entre gerações.

Em busca dessas raízes, a jornalista Daniela Penha entrevistou famílias e, a partir desses relatos, transformou lembranças, documentos e histórias familiares em narrativas literárias.

Sorveteiros, padeiros, médicos, empresários, jardineiros, artistas, poetas: gente que empreendeu com coragem e quase nenhuma certeza.

A primeira edição do livro Força Italiana, realização da Casa da Memória Italiana, lançada em 2023, promoveu encontros, aproximou famílias e celebrou a memória da imigração italiana em Ribeirão Preto.

A segunda edição reúne a história de oito famílias italianas, que escreveram, com Ribeirão Preto, trajetória de bonita troca. No interior paulista, puderam criar negócios, fincar raízes e crescer. Com seus trabalhos e criações, ajudaram também a cidade a se fortalecer e, hoje, deixam legado.

SUMÁRIO

07	Nota da autora
11	Apresentação
15	Introdução
25	Pai e filho Cantarelli eternizaram famílias ribeirão-pretanas e seus laços em fotografia
37	Entre Brunate e Ribeirão, Elisa fez da saudade poesia
49	Na história de Carmen e José Antônio, a força do trabalho que atravessou gerações
61	Entre Asolo e Serrana: o caminho de Tittoto em busca das raízes italianas
73	Na história da família Toniello, Cláudia traz como legado a força das mulheres
85	No sorvete de Geraldo, uma história que atravessou oceanos
99	Na arte de Ary, vibram as raízes da família De Lázzari
115	De Cajuru à Itália: a busca de Ray pelas origens da família Costanzo

Italianidades e imigração: a vida se repete na estação

Alice Registro Fonseca

Arte-educadora e museóloga

"Banco de estação. Lugar de despedida e emoção", o artista Milton Nascimento escreveu várias canções sobre sua relação com a ferrovia. Barulho de Trem e Encontros e Despedidas são letras desse mineiro que as utilizou como inspirações para introduzir sobre memórias italianas e nos levar a outros tempos. Relembremos a jornada da complexa viagem dos imigrantes.

É um desafio hercúleo escrever este texto, após a pesquisadora e professora Liamar Tuon elaborar uma introdução com maestria, no primeiro livro do Força Italiana. Ao mesmo tempo, me emociono em saber que este belo projeto continua vivo. Sinto-me extremamente grata e feliz pelo convite e apreensiva em apresentar minhas reflexões, que ficarão marcadas nestas páginas. Descendente da quarta geração de italianos que imigraram para o Brasil, tenho a intenção de rever a contextualização histórica com afeto e homenagem à ancestralidade.

Na publicação "Italianos em Ribeirão Preto", Liamar Tuon (2010, p. 46) nos diz: "Em terras novas, num mundo em transição, os imigrantes e seus descendentes foram

INTRODUÇÃO

deixando suas marcas na sociedade ribeirão-pretana”.

Em recentes estudos, a questão sobre as italianidades, que representam as identidades étnicas italianas fora da península itálica, são caminhos para compreender os legados cultural e social no presente. O livro *Força Italiana* corrobora com o movimento de recordar, com narrativas e vestígios materiais e imateriais.

As italianidades, questão apresentada no plural, é em razão das várias *Itálias* regionais, que traduzem os sentimentos e as heranças culturais enraizadas no solo brasileiro. Na *terra rossa* da região de Ribeirão Preto, os italianos legaram certos costumes particulares - individual, de cada ramo familiar, e coletivamente. Seja nos encontros de família para *mangiare un bel piatto di pasta*, uma macarronada com boas conversas e música, ou no jeito italiano de ser, tom de voz animado, uma conversa sincera, etc.

As novas gerações, que se distanciam da despedida da Itália querida, buscam, como eu, uma maneira de se reencontrarem com essa herança. Daniela Penha nos presenteia em palavras esse vai e vem da vida.

A movimentação de recordações e o retorno ao passado causam sentimentos mistos, que se relacionam diretamente com as lembranças de quem as viveu, experienciou, ou carrega uma história da sua ancestralidade. Caminhos distintos, que se entrecruzam numa nação multicultural e plural, como é o Brasil.

A memória, um elemento vivo sujeito a transformações, integra a subjetividade humana herdada, que, para o historiador francês Jacques Le Goff (2013), nutre como um alimento, para a história. Sugere a necessidade de análise crítica, em conjunto com os documentos (fotos, objetos, etc.) e fatos. Assim, a memória, como uma reconstrução do passado, atua no presente a favor da identidade.

A consciência de suas raízes, as práticas transmitidas de geração em geração e a liberdade do ir e vir levam alguns ítalo-brasileiros a buscarem cidadania e residência europeia. Atualmente, a Itália não é conhecida como a antiga nação expulsora, mas, sim, uma receptora.

Segundo João Fábio Bertonha (2008), hoje, os poucos que deixam a Itália, são artistas, músicos, cientistas, industriais, funcionários das grandes multinacionais, diferenciando-os de como seus pais, avós e bisavós fizeram. A crescente chegada de imigrantes à Itália, iniciada desde a década de 1970, indica mudanças econômicas e sociais para os que a escolhem para viver. Parte desses imigrantes são *oriundi*, pessoas de origem italiana nascidos em outros países, com ou sem cidadania italiana. A Itália contemporânea indica notáveis mudanças em comparação com o país recém-unificado, que uma grande massa de pessoas deixou, no final do século XIX e início do século XX.

Partidas e chegadas: da Itália ao Brasil

Num período de cem anos, entre 1870 e 1970, estima-se que cerca de 26 milhões de pessoas deixaram a Itália para viver em outros países. Números significativos revelam o perfil de um povo emigrante. Talvez, fique difícil entender a Itália sem o contexto do fenômeno migratório.

Além da Itália, outros países europeus também passavam por momentos complexos, com as transformações econômicas, a partir da segunda metade do século XIX. O crescente deslocamento das massas trabalhadoras da Europa para o continente americano refletiu a busca por um estilo de vida menos sofrida e pela esperança de bem-estar.

Fatores decisivos para essa migração em massa nos remete a um quadro complexo, que o pesquisador Angelo Trento (2022) identifica como estímulos expulsores e estímulos atrativos - fatores entre os polos de saída e chegada. A crise agrícola da Itália, dos anos 1880, provocou depressão alimentícia, tornou indisponíveis produtos e gerou a fragmentação de pequenas propriedades rurais. O investimento na indústria impossibilitou os camponeses de conseguirem o recurso financeiro necessário para continuar trabalhando.

Segundo Emilio Franzina (2006), o contexto dessa emigração, considerada como um passado histórico recente, reflete um contexto de transição econômica em busca da maturidade capitalista, do agrícola para o pré-industrial.

Nas cantigas rurais que refletem esse período histórico, são citadas as motivações para ir à América - a escassez de trabalho e a falta de incentivo em ficar na Itália. A música *Italia Bella, Mostrati Gentile*, de autor desconhecido, interpretada por Caterina Bueno, é quase um apelo ao país recém-unificado para olhar seus filhos e não os abandonar. Anuncia que 1900 está próximo e a fome do povo pintada no rosto, e indica a área de colheita de café como o lugar para onde devem partir. Entre outros versos, é acrescentado o desespero dos lavradores:

E la fame lo divora

E qui 'l braccianti

'Un san come si fare a andare avanti

(*Italia Bella, Mostrati Gentile*, [s.d])

Uma possível tradução desse trecho: “A fome devora os lavradores (*braccianti*), que não sabem como seguir em frente”. Segundo a pesquisadora Zuleika Alvim (1986) *braccianti* é um termo em italiano traduzido como “trabalhadores braçais” rurais.

INTRODUÇÃO

Por outro lado, os imigrantes, no destino em solo brasileiro, eram atraídos pelas novas conjunturas econômico-política e social. A abertura dos portos “às Nações Amigas” (1808); a participação das nações livres (1822); a Lei de Terras; o fim do tráfico atlântico de pessoas escravizadas africanas (1850); e a abolição da escravidão (1888) – culminam naquele que é considerado o grande período da imigração, com destaque notável aos italianos.

É importante lembrar que o comércio ilícito de mão de obra de pessoas escravizadas da África continuou em atividade, no Brasil, mesmo depois da abolição, em 1888, mas realizado via interprovincial. O fato é descrito na pesquisa de Karl Martin Monsma (2016, p. 20), segundo a qual, continuava utilizando “boa parte da população negra ainda escravizada na década de 1880” para atender à demanda de trabalho na produção de café no interior paulista.

A substituição do regime escravocrata por uma força de trabalho livre, na sociedade brasileira, estimulou a vinda de imigrantes, por um programa paulista subvencionado para trazer italianos e estrangeiros de outras nacionalidades. Apesar das mudanças legais, a escravidão deixou um legado de desigualdades racial e social, preconceitos que ainda se manifestam no Brasil.

A presença do imigrante, como resposta aos problemas da mão de obra para o cultivo do café e a defesa da abolição, foi uma das questões pelas quais alguns fazendeiros atuaram politicamente. Um dos que figuraram de maneira mais ativa para a localidade de Ribeirão Preto foi Martinho Prado Júnior (1843-1906), que, como deputado provincial, propôs projetos de lei com cobrança de impostos na tentativa de impedir a entrada de grande número de pessoas escravizadas na Província de São Paulo (1878-1881) e foi um dos fundadores da Sociedade Promotora da Imigração (SPI), em 1886.

A decisiva ação das elites rurais do estado de São Paulo para o aumento do fluxo migratório, sobretudo de europeus, para a lavoura cafeeira, dispôs grande energia para a imigração subsidiada de famílias de origem italiana. Segundo Oswaldo Truzzi (2016), a SPI foi um projeto bem-sucedido, direcionando o contrato e a recepção de 266.732 pessoas imigrantes no estado, ao longo de 9 anos.

Aqui, é importante salientar que tal escolha reflete um projeto nacional de embranquecimento da população brasileira. Várias pesquisas recentes, como pode ser lido no livro *História da Imigração no Brasil*, organizado por Luiz Reznik (2020), apontam a opção consciente dos grandes proprietários rurais pelo contrato de braço estrangeiro. Procuravam mão de obra barata e alinhavam-se ao pensamento da classe dominante brasileira pelo interesse em promover o “branqueamento” da população nacional, uma corrente fundada em preconceito.

Antes da SPI, os imigrantes eram, principalmente, aqueles que já possuíam propriedades na Itália e que conseguiam, assim, dinheiro para as despesas com a viagem, vendendo os bens que possuíam. Segundo Tuon (2010), após a criação da sociedade que fornecia ajuda para o transporte, passaram a chegar lavradores, em maior número, e outros imigrantes que possuíam algum ofício.

Vida nova na terra rossa: ofícios do imigrante italiano em Ribeirão Preto

As transformações, no panorama geral brasileiro, só chegaram à região do nordeste paulista, na qual se localiza Ribeirão Preto, no período que abrange 1876 a 1990, com a ocupação e expansão cafeeira na terra vermelha. A estrada de ferro proporcionou um barateamento do custo de transporte, oferecendo acesso à chegada dos imigrantes e saída da produção de café.

O avanço da agricultura, a exportação do café, e a extinção gradual da escravidão, foram fatores que modificaram o aspecto econômico de Ribeirão Preto e região. Afetou também o estilo de vida e a mentalidade da população.

Novas vozes e expressões ocupavam plantações, ruas e estabelecimentos, nos meios rural e urbano, levando a assimilação de novas palavras à língua portuguesa do Brasil. No estado de São Paulo, foi incorporada, no cotidiano, uma língua considerada ítalo-paulistana. As letras de Adoniran Barbosa são um desses testemunhos, e resultam do esforço de comunicação entre italianos e brasileiros.

Vozes imigrantes também circulavam nos jornais escritos, em diversas línguas, no começo do século XX. Segundo Tuon (2023), os jornais de imigrantes italianos, no Brasil, foram espaço de engajamento político, denúncias e reflexões, em relação às condições de trabalho. A prisão e o repúdio aos proprietários dos jornais são indícios da curta duração das suas publicações.

Para além das atividades na lavoura, uma parcela de imigrantes italianos congregou e dominou expressivamente os ofícios no meio urbano dos municípios do interior paulista. Tais conquistas só foram possíveis pelos saberes ancestrais de sua origem trazidos na bagagem cultural.

No ano de 1887, foi criado o Núcleo Colonial Antônio Prado, em Ribeirão Preto, destinado à ocupação de terras devolutas existentes pela disponibilização de lotes que modificariam o perfil do morador urbano. Na pesquisa de Adriana Capretz Borges da Silva Manhas (2015), consta que os espaços próximos às linhas férreas, distantes dos povoados e das terras em fundos de vale, eram as principais características da formação dos núcleos coloniais no Estado de São Paulo. Os maiores bairros que surgiram do Núcleo foram Campos Elíseos e Ipiranga.

INTRODUÇÃO

Na área do núcleo colonial, concentravam-se as atividades de moradia, comércio, indústria e agricultura, de modo isolado do centro urbano. Essa estrutura social contribuiu para a diversidade das atividades urbanas, no auge da cultura cafeeira e na reconfiguração da sociedade brasileira, com a absorção da imigração de trabalhadores europeus. Tal concentração de pessoas, mão de obra e consumidores favoreceu o desenvolvimento da indústria e do setor terciário local.

A atuação em olarias, como mão de obra especializada e nos depósitos de materiais para construção, foram alguns ofícios que os imigrantes italianos exerceram no meio urbano. A paisagem edificada, preservada em Ribeirão Preto, representa a figura de pedreiros, carpinteiros, marceneiros e tantos outros profissionais italianos que deixaram seus trabalhos pela cidade. Sujeitos que seguram as suas ferramentas em fotografias guardadas no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto eternizam os rostos desses personagens com nomes desconhecidos.

Ana Cirigliano Villela (2024) apresenta, em sua pesquisa, a existência de 66 olarias, no município de Ribeirão Preto, em 1925, na localidade do atual bairro do Ipiranga, área do Núcleo. Os proprietários, reconhecidos de origem estrangeira, são de maioria italiana.

Pedro Biagi, o italiano que comprou, em 1941, o casarão que hoje é o Museu Casa da Memória Italiana, iniciou seus trabalhos na atividade manual de produção de tijolos. Geraldo Hasse (2003, p. 7) escreveu: “com um pé no barro e outro na estrada”, o negócio da família progrediu até chegar às plantações de cana-de-açúcar e das usinas.

Algumas famílias italianas conseguiram conquistar posições de prestígio, no comércio, na indústria e alcançar a ascensão financeira em solo brasileiro.

Na publicação *Il Brasile e Gli Italiani*, do jornal *Fanfulla* (Rotellini, 1906), indica-se o crescimento do número de estabelecimentos comerciais de secos e molhados; de pequenas e médias indústrias alimentícias; atingindo também o mercado regional. A exemplo da cerveja e do refrigerante produzidos pela Livi & Bertoldi; do comércio varejista, pela Casa Beschizza; da drogaria e farmácia, por Felipe Pelosi & Cia, dentre outros.

Da mesma forma, havia multiplicidade de segmentos de serviços e manufactureiros que serviam como suporte da produção e circulação de mercadorias, como os motoristas de carros de aluguel e as oficinas de carroças.

Nas histórias narradas aqui, será possível conhecer a força italiana pela necessidade de vencer a vida com dificuldade, afeto e improvisação, integrando a italianidade com a brasilidade. Em suas novas vidas em solo brasileiro, os imigrantes viam sua antiga terra como distante; formaram famílias e acabaram ficando.

Força italiana e coleções de memórias

Encontros para relembrar as memórias vividas e contadas pelos antepassados integram a dinâmica de elaboração das narrativas, neste livro. Algumas famílias já registraram as suas receitas e trajetórias em textos para as próximas gerações. Entretanto, o agrupamento dos personagens de várias famílias em livros, como Força Italiana, pode ser compreendido como coleção de memórias, a serem degustadas e apreciadas em conjunto, paralelamente, ou separadas.

O Museu Casa da Memória Italiana preserva sua arquitetura, os cômodos, as decorações, os objetos e testemunhos orais das famílias que ali habitaram. O universo privado da morada, quando se transforma em museu, ganha novas camadas de leitura e interpretação do acervo existente, abrindo para a possibilidades de integrar outras histórias.

O papel social dos museus, na atualidade, movimenta reflexões e ressignificações de suas práticas de documentação, preservação e comunicação. O que antes se pensava apenas no trabalho de conservação de bem material, abre-se um percurso de ação com acervo imaterial. Embarcando nessa perspectiva de amplo horizonte de atuação dos museus, levanto uma questão: Poderíamos considerar o produto do projeto Força Italiana uma valiosa peça do acervo museológico do Museu Casa da Memória Italiana?

Quando lemos a história do artista Ary de Lazari, encontramos uma memória pessoal que nos transporta para um tempo em que, na cidade de Ribeirão Preto, havia uma rua apelidada como “Rua dos Italianos”. Relata que a primeira casa de seus pais, Ignez e Fernando, localizada na Rua Monsenhor Siqueira, foi onde nasceram todos os filhos. Lar da família italo-brasileira, no bairro Campos Elísios, a 800 metros de distância do Clube Esportivo Palestra Itália, pode-se imaginar que a vizinhança tinha um sotaque particular, pois se escutava as crianças chamarem nonna e nonno, mamma e papà, pela rua.

Na coleção de memórias do Força Italiana, a palavra “saudades” está presente, ao relembrar as histórias pessoais, ou de pais, avós e bisavós que imigraram. Saudade, uma palavra que deriva do latim, é conhecida pela dificuldade de tradução.

Na casa da italiana Elisa Alderani, que vive em Ribeirão Preto, a palavra saudade faz parte da decoração de sua casa. Os retratos de seus descendentes, gravuras de sua cidade, pendurados nas paredes, acompanham o quadro com a palavra saudade estampada.

Na história apresentada neste livro, Daniela Penha narra a compreensão de Elisa

INTRODUÇÃO

sobre saudade - um sentimento que não passa, mas que “celebra o lugar onde se reconstruiu”.

Elisa usa suas experiências de vida para poetizar. Conta que é na cozinha o lugar de reencontro com a sua Itália. Em Ribeirão Preto, reviveu uma “saudade gostosa”, aprendeu a arte do mosaico, que seu avô fazia para adornar colégios, igrejas, entre outras edificações, na Itália.

Aproveitando dessa arte milenar de agrupar e colar elementos, reflito se Força Italiana seria um grande mosaico, em que as memórias, aqui reunidas, representariam fragmentos. Juntas, criam uma imagem do passado, que projeta no nosso presente e integram a identidade ribeirão-pretana, paulista e brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2008.

FONSECA, Alice Registro; UZEDA, Helena Cunha de; LIMA, Diana Farjalla Correia. **Narrativas de memórias e documentação do acervo do Museu Casa da Memória Italiana**. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, Brasil, v. 16, p. e-230567, 2025. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.incid.2025.230567. Disponível em: <https://revistas.usp.br/incid/article/view/230567>. Acesso em: 8 jul. 2026.

FRANZINA, Emílio. **A grande emigração: o êxodo dos Italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Unicamp, 2006.

HASSE, Geraldo. **Maurílio Biagi: o semeador do sertão**. Ribeirão Preto: Céu e Terra, 2003.

LAGES, José Antônio. **Ribeirão Preto revisitada**. Ribeirão Preto: Nova Enfim, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2013.

MANHAS, Adriana Capretz Borges da Silva. **Imigração e urbanização: o núcleo colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto**. In: MARCONDES, Renato Leite. REGISTRO, Tania Cristina. GUAZZELLI, Aurélio Manoel Corrêa (orgs.). Ribeirão Preto: a cidade como fonte de pesquisa. São Paulo: Prefeitura do Campus USP - Ribeirão Preto / Secção de Atividades Culturais, 2015, p. 297-319.

MONSMA, Karl. **A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914**. São Carlos: EdUFSCAR, 2016.

REZNIK, Luís (org.). **História da Imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

ROTELLINI, Vitaliano. **Il Brasile e Gli Italiani**. São Paulo: Pubblicazione DelFanfulla, 1906. Disponível em: https://archive.org/details/ICIB_il_brasili_e_gli_italiani_tiff Acesso: 7 jul. 2026.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidades no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

TUON, Lîamar Izilda. **Italianos em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto, 2010.

TUON, Lîamar Izilda. **Recordar: um ato de amor com o nosso passado**. In: PENHA, Daniela. **Força italiana: histórias de família**. Ribeirão Preto: IPCCIC, 2023.

VILLELA, Ana Teresa Cirigliano. **Transformações da paisagem urbana: o quadrilátero central de Ribeirão Preto (1884-1949)**. 2024. 639 fls. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2024.

Pai e filho Cantarelli eternizaram famílias ribeirão-pretanas ——— e seus laços em fotografia



O pomar era enorme. As janelas da casa mostravam o vai e vem sempre movimentado da Praça XV de Novembro. Era tanto movimento que a pequena Luciana, entre brincadeiras na fonte e corridas na calçada, acabou atropelada por uma moto. Foi só o susto e alguns machucados - ainda bem!

Pelas memórias dela e de seu irmão Marcelo, é possível recriar a casa dos fotógrafos Cantarelli, na Rua Duque de Caxias, no Centro de Ribeirão Preto. Uma escadinha levava até o estúdio onde Romildo e Névio eternizaram, em fotografia, dezenas de famílias ribeirão-pretanas.

O quartinho escuro era um mistério interessante para os netos, que não podiam transitar muito no espaço, por entre ácidos e produtos delicados. Ali, acontecia a mágica, na época em que a fotografia era uma arte manual em todos os seus processos. Luciana e Marcelo lembram-se do avô revelando as fotos e colocando-as para secar em um varal.

Luciana Pereira Lima Saquy, neta de Nêvio e bisneta de Romildo, diz, com admiração em cada palavra:

- É a eternidade da fotografia... uma foto te lembra a roupa, o momento, uma tradição. Através da foto, nós eternizamos tudo! A partir do momento em que te mostro a fotografia, você pode concretizar a memória que existiu ali.

A história dos avós é contada com orgulho e saudade.

- A câmera daquele fotógrafo traz o olhar dele. Você pode ver a forma de uma pessoa pela lente do olhar de Romildo e Nêvio.

Muitas foram as famílias registradas. Enquanto faziam o famoso footing, na Praça XV - a antiga prática da paquera, em que homens rodavam para um lado, em volta da fonte, e mulheres iam para o outro, encontrando olhares, as pessoas passavam em frente à vitrine do estúdio e tentavam descobrir quem seriam os próximos retratados ali. A vitrine era sempre decorada com os retratos feitos e peças de grande estilo, relembram os netos.

- A família toda se organizava para ir e ter aquele momento guardado para o resto da vida. Era uma coisa grandiosa! Aquele lugar era muito chique. As pessoas iam para te tirar modelo de roupas!

Luciana conta como era feita a “arte da fotografia”:

- Na época, só tinha fotos em branco e preto, mas eles conseguiam, como em um passe de mágica, pintar as fotos e transformavam todos os que eram fotografados em verdadeiros artistas! Assim, toda a sociedade ribeirão-pretana queria ter uma foto na parede com o brasão Cantarelli. Era muito caro ter uma foto! Não era como nos dias de hoje...

Biagi e Junqueira estão entre as tradicionais famílias fotografadas pelas lentes dos Cantarelli.

- Todas aquelas famílias fotografadas foram vistas dessa maneira: através do olhar de Nêvio e Romildo. Foram muitas famílias fotografadas!

Registros de gerações, memória eternizada no instante do clique.

“Ilustre” fotógrafo escolheu Ribeirão como morada

Foi preciso empreender uma busca por certidões, documentos, vestígios de uma história que começou do outro lado do oceano. Para atar as raízes ao presente, Luciana decidiu que se tornaria cidadã italiana. “Eu duvido que você consiga!” - ela conta que essa foi a resposta do filho, instigando ainda mais sua persistência.

- Eu fui até o fim. Hoje, toda a minha família tem! Quando o passaporte saiu, fui à Itália com meus filhos para comemorar!



Luciana e o irmão Marcelo se reuniram para narrar a trajetória dos avós Cantarelli.



Luciana, em seu casamento, ao lado dos pais e dos irmãos.

O processo todo durou 5 anos. Na história que escutou dos avós, a origem da família estava em Gênova. Mas as buscas, nessa localidade, não traziam resultados. Contratou uma advogada para auxiliar nas burocracias e investigações.

Descobriram, então, que Romildo nascera em Pádua, em 10 de janeiro de 1882, e chegou ao Brasil em fevereiro de 1889, com os pais e quatro irmãos. Aportaram em Santos, conforme registro feito pela Câmara Municipal de Ribeirão Preto, em outubro de 1975, em justificativa para batizar uma rua da cidade com o nome de Romildo Cantarelli, no bairro Jardim Canadá.

A primeira parada foi a cidade de Pedreira, onde o pai de Romildo, João, conseguiu trabalho em uma fazenda. Anos depois, a família se mudou para Jaú.

Ali, na cidade ainda pequena que se tornou conhecida pelo mercado de sapatos, Romildo começou a aprender a fotografar. Marcelo, irmão de Luciana, ajuda a narrar a história que escutou de seus avós e bisavós.

- Ele sempre gostou, desde pequeno. Era muito difícil comprar uma máquina naquela época. Ele teve que trabalhar e se dedicar muito!

Em 1898, Romildo mudou-se para São Paulo, para aperfeiçoar os aprendizados de fotografia. Voltou um ano depois e montou seu primeiro estúdio, em Jaú, batizado de Fotografia Cantarelli. As informações foram contadas para Luciana e Marcelo, mas também constam em documento da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, que se tornou importante registro histórico.

O casamento com Zorilla Gavazzoni, também de origem italiana, foi nesse mesmo ano. Tiveram quatro filhos, mas Adélia faleceu aos 4 anos e João, o mais velho, se foi em 1918, aos 17, pela gripe espanhola. Oswaldo e Nívio seguiram o ofício do pai, como relatou o vereador no documento:

- Assimilaram a arte do querido pai e mestre, honrando e cultuando sua memória.

A família mudou-se para Ribeirão Preto, em 1927, ano em que foi registrada uma das maiores enchentes da cidade¹ que ainda tinha o café como grande produção.

Romildo vendeu a Fotografia Cantarelli, em Jaú, para seu irmão, Eugênio, que seguiu com o ofício da família. Nas redes sociais, em grupos de memórias da cidade de Jaú, são muitos os relatos de famílias que tiveram seus momentos importantes registrados no Estúdio Cantarelli.

- Cantarelli fez o álbum preto e branco do meu casamento, bem como me vendeu um aparelho de som de altíssima qualidade, do qual ainda tenho as excelentes caixas acústicas Polyvox de cerejeira.

¹ Disponível em: <https://www.plataformaverri.com.br/index.php?local=voceSabia&mes=3&dia=7>.



Para colorir as fotografias, que na época eram em preto e branco, os fotógrafos Cantarelli utilizava tinta em uma técnica artística.



Marlene Cantarelli retratada pelo avô, Romildo Cantarelli.



Nívio Cantarelli na adolescência, retratado pelo pai, Romildo.

- *Do Cantarelli, me lembro muito bem. Fui cliente até o fim. Inclusive, tomávamos café juntos no Supremo.*

- *Cantarelli fez meu álbum de casamento em 1980/12/7.*

Em Ribeirão Preto, Romildo abriu a Fotografia Lami, que depois passou a ser chamada de Foto Cantarelli.

Primeiro, instalaram-se em uma casa pequena, na Duque de Caxias, e logo se mudaram para o casarão que, nas lembranças dos netos, ocupava um quarteirão inteiro, na mesma rua, bem em frente à Praça XV, nas proximidades do Palacete Camilo de Mattos.

- *Sem favor algum, Ribeirão possuía um dos melhores e mais capacitados fotógrafos do estado de São Paulo.* - *Elogiava o então vereador Octávio Machado Neto, no documento da Câmara.*

Arte de pai para filho

Um livro de memórias guarda os registros da família Cantarelli e Saquy Pereira Lima. Luciana foi quem produziu o presente para os filhos, lá em 1999, quando ainda eram crianças, em uma atividade da escola. Hoje, o que parecia simples é relíquia.

Ali, ela conseguiu guardar as narrativas de quem se foi. Entrelaçou as histórias, entre fotos e relatos cheios de afeto. Conversou com o avô, Névio, e transcreveu em primeira pessoa parte da sua trajetória:

Nascido na cidade de Jaú, em 13 de novembro de 1911. Minha infância foi uma das mais felizes, creio eu. Porque sempre tive muitos amigos e também muito carinho e compreensão dos meus pais. Por ser uma cidade pequena, mas aconchegante, minha adolescência foi muito boa. Meu pai, nessa época, já era fotógrafo e tinha um estúdio bem no centro. E lá, desde muito cedo, fui aprendendo a arte de fotografar, e estudando no Ginásio São José. E com 14 anos, nos mudamos para Ribeirão, onde meu pai veio a prosperar seus negócios. Iniciando, em Ribeirão Preto, um, onde toda a região conhecia com o nome Fotos Cantarelli.

Ao final do capítulo, Luciana registrou o carinho do bisneto Jorge Saquy Neto, seu filho:

- *Meu bisavô é muito presente, pega seu carro pelo menos uma vez na semana e vem almoçar conosco; meu bisavô é considerado até hoje um dos homens mais bonitos da cidade.*

Admiração compartilhada com Marcelo.



Romildo Cantarelli, pai de Névio, eternizado pelas lentes do filho Névio.



Marlene Cantarelli retratada na adolescência por Romildo.



Os netos Marcelo, Luciana e Eduardo retratados pelo avô, Névio.

- *Meu avô só fazia o bem. Nunca tinha uma frase ruim.*

E com Luciana.

- *Era vaidoso. Estava sempre impecável. Até os seus 94 anos, não me lembro de ter visto meu avô de cabelo despenteado.*

Luciana e Marcelo contam que sempre estiveram muito próximos dos avós. Quando crianças, viviam na Fazenda Córrego das Pedras, em Jurucê, com os pais. Mas, diariamente, a mãe vinha com os pequenos para passar o dia no casarão da Duque. Não pulava um só dia. Por isso, os filhos cresceram encantados pelo movimento do Centro e o clique das máquinas.

Na história narrada aos netos, Névio começou a trabalhar com o pai ainda menino, também encantado pela arte da fotografia. Ainda assim, decidiu cursar Farmácia, na Universidade de São Paulo.

- *Ele queria fazer Medicina, mas ainda não tinha o curso, em Ribeirão Preto. Para não abandonar o pai e a mãe, ele ficou na cidade e fez Farmácia.*

O curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto, começou a funcionar em 1952, cerca de 30 anos após a formatura de Névio. Depois de graduado em Farmácia, ele continuou trabalhando com o pai na fotografia.

Moravam todos juntos, mesmo depois que se casou com Altiva Scatena Guedes Cantarelli, em 1935. Conheceram-se na praça: o avô contou para Luciana, que escreveu no livro: “Logo de início, achei que seria a mulher ideal para casar, pois combinávamos muito bem. Era meiga e prestimosa”.

O casamento aconteceu após um ano de namoro.

As filhas Marlene e Cecília logo vieram, em 1936, a primeira; e, 10 anos depois, a segunda. Luciana e Marcelo, quarta geração da história, são filhos de Marlene.

Névio continuou fotografando até a década de 1950. Pôde registrar os netos na infância, em retratos cheios de expressão.

- *Papai era o mestre da fotografia. Era considerado o melhor da região. Quando ele veio a falecer, eu perdi o interesse em continuar. Ele mesmo contou à neta.*

Romildo faleceu em 1954 e sua companheira se foi um mês depois, como contam os netos.

- *Eles eram muito apaixonados. Ele morreu de câncer e ela de tristeza.*

A fotografia já começava a mudar. As pessoas não iam mais ao estúdio. Era necessário fazer o caminho inverso: ir até elas, e fotografar eventos.

Eles mudaram-se do grande casarão para outra moradia, na Barão do Amazonas com a Rui Barbosa, e não tinham mais o estúdio. Névio doou grande parte dos equipamentos para um fotógrafo que também se tornou muito conhecido e querido na cidade.

Então, decidiu parar e não voltou atrás.

- Meu avô nunca mais pegou na câmera.

Para que ele pudesse continuar ao menos revelando, montaram um quarto na fazenda, com as coisas que ainda restavam.

- Meu pai fez isso para manter a memória dele viva. Era o ateliê dele. Ficava muito por ali... - Conta Marcelo.

Névio passou a exercer a Farmácia. Assinava como farmacêutico para várias unidades da cidade, os netos contam. Mas seu legado - ainda bem! - Já estava formado, como diz Luciana.

- Muitas famílias foram fotografadas por eles. Eu acredito que todas as famílias tradicionais de Ribeirão Preto tiveram pelo menos um registro feito pelos meus avós.

Força como legado

Marlene, mãe de Luciana e Marcelo, nasceu em 18 de outubro de 1936, primogênita de Névio e Altiva e filha única por 10 anos, antes da chegada da irmã Cecília.

Nas memórias registradas por Luciana, no livro, a mãe está envolta em alegria. Estudou piano, foi ótima aluna na escola. Depois que se casou com Eduardo de Souza Pereira Lima, passou a viver na fazenda, já que a família dele trabalhava com o agronegócio. Com a rotina totalmente nova, para uma jovem urbana, aprendeu sobre os jardins e o fogão a lenha. E se tornou ótima nisso também. Adorava festas, estava sempre rodeada de amigos e familiares. Tiveram três filhos: Luciana, Marcelo e Eduardo.

Quando o filho Marcelo levou um tombo do cavalo e passou dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), manteve a fé de que tudo ficaria bem. Ela dizia que queria viver intensamente, porque o ontem já se foi e o amanhã talvez não venha. Escreveu a filha Luciana.

Foi preciso buscar nas raízes dessa força a sua própria. Nesse legado, Luciana encontrou maneiras de seguir, quando a mãe faleceu em um acidente de carro, em 1985, quando acabara de completar 49 anos. A avó Altiva também estava no veículo e as duas se foram juntas, como sempre tinham vivido.

- A nossa vida só tinha coisas boas. De repente, perdemos minha mãe e minha avó, ao mesmo tempo.

Luciana estava grávida de quatro meses, da segunda filha, Malu Saquy Galvão. A esposa de Marcelo também esperava um filho.

- Tivemos que nos reerguer... nos reencontrar.

A tragédia comoveu a cidade, que tanto conhecia a história da família. Os lamentos estamparam a capa do jornal.



O casal Marlene e Eduardo com os filhos Luciana, Marcelo e Eduardo, em retrato feito pelo avô Névio.

- Essa força que corre em mim está nessas pessoas que me antecederam. Quando minha floresta queima, não ficam só cinzas. Ali tem os nutrientes e encontro toda a força que me deixaram. Elas ainda estão dentro de mim. Sem isso, eu não teria aguentado passar por tudo o que passei...

Presentes para o futuro

Luciana tem um lamento. A receita do molho de macarrão da vó Altiva acabou se perdendo com o tempo.

- Eles faziam tanto por nós que acabamos não aprendendo...

Nas memórias, o gostinho está intacto. A massa caseira era aberta, cortada e passava um tempo secando no varal para, depois, ser cozida. Era servida aos domingos, nos almoços de família, lá na fazenda onde Luciana e Marcelo cresceram. O molho de tomates, com tempero italiano, era uma iguaria única.

- Era diferenciado! A gente carrega até hoje essas raízes da culinária italiana: o cheiro, o cuidado.

Luciana e Marcelo seguiram caminhos diferentes.

Ele se formou em Veterinária e depois passou a trabalhar como corretor de imóveis. Casou-se com Andréa Ciciarelli, que também carrega nas raízes a descendência italiana. Tiveram dois filhos e hoje já passam todo esse legado para os netos.

- A vida é um dom. Um dom que vem dos nossos avós, bisavós... é um presente! Diz Marcelo.

Luciana fez Psicologia e trabalhou na área, como psicóloga do trânsito e, depois, na USP, com pacientes bariátricos. Entre uma atividade e outra, teve uma loja de roupas. Há 14 anos, parou com os trabalhos e começou uma nova paixão. Pinta telas, que expõe nas paredes de casa e rendem elogios e convites para exposições. Casou-se com Alexandre Jorge Saquy Neto e se alegram com os dois filhos e quatro netos.

A árvore da família é maior. São outros núcleos, gente que chega e outros que vão embora. Luciana e Marcelo foram porta-vozes neste livro, compartilhando as memórias que carregam entre tantos afetos.

- Vamos falar desse presente que a vida nos deu. Nossos avós foram nossos presentes. - Conta Luciana.

Marcelo complementa:

- Eu tenho muito orgulho de onde a gente veio. Cada dia mais!

Entendem que registrar essa história é celebrar também o agora.

- Eu sou fortalecida por essa essência toda que recebi deles. Eles me nutrem. Sou feliz porque tenho eles dentro de mim.



Luciana buscou informações das raízes italianas para registrar a história da família.

Hoje, as fotos dos Cantarelli são mais do que legado familiar. Luciana doou todo o acervo dos fotógrafos para a Casa da Memória Italiana. Fotografias, objetos e até mesmo a câmera fotográfica analógica, que tanto registrou. Como parte do acervo, passam a ser legado coletivo, registro de um tempo para o futuro que logo virá.

- Doamos para dar continuidade a essa história. Para que as pessoas saibam o que realmente era a fotografia!

Entre as memórias guardadas e aquelas transformadas em registro impresso, os fotógrafos Cantarelli seguem em fotos coloridas. Xiii: mais um capítulo da história está, agora, eternizado em palavra escrita.

Entre Brunate e Ribeirão, ——— ——— Elisa fez da saudade poesia



Os aviões davam a volta na montanha e partiam rumo a Milão. Ali de cima, em Brunate, Elisa via as explosões destruírem uma das cidades italianas mais bombardeadas pela Segunda Guerra Mundial. Era ainda muito menina, mas não se esqueceu do soar da sirene. O barulho da guerra passava pelo céu e anunciava que mais um pedacinho da Itália seria poeira.

- Vinha aquele clarão... o meu pai falava: 'Foi bomba...'. A gente escutava assuntos de guerra, mas pouco entendia...

Em 1945, quando a guerra acabou, Elisa lembra-se dos soldados americanos desfilando pelas ruas de Como, cidade vizinha, jogando balas e chicletes para as crianças. A mãe fez questão de levar os filhos para sentirem o alívio daquele fim. Costurou uma bandeira da Itália e colocaram na grade da sacada.

- São coisas que ficam na cabeça... não me esqueço...

Elisa Alderani nasceu em 1938, pouco antes da guerra estourar. Hoje, aos 87 anos, problemas de saúde a fizeram perder parte da audição. Ao falar, precisa respeitar o tempo desse corpo, que tanto viveu. As lembranças, porém, continuam pulsando. Aparecem como gravuras e vão sendo narradas.

Deixou a Itália em 1978, com três filhos adolescentes, para acompanhar o então marido, que havia recebido uma proposta de trabalho em Ribeirão Preto. Despediu-se

de Brunate e Como, cidades interligadas, onde nasceu, trazendo alguns móveis, um tanto de malas e grandes expectativas.

- Do destino, não se foge...

Em terras estrangeiras, precisou reconstruir os planos. Ainda sem falar o português fluentemente, abriu uma loja de aviamentos e se tornou querida nos Campos Elíseos.

O divórcio é assunto que ainda machuca e no qual ela prefere não se alongar.

Depois dos 60 anos, fez da escrita, que começou lá na meninice, a grande companheira. Escrevendo poesias, tornou-se escritora reconhecida. São 56 medalhas conquistadas em concursos de trovas e poemas, escritos em português, que agora ela já domina.

- Eu já escrevi mais de 800 poemas!

Costurando as palavras em versos, encontrou espaço para falar da trajetória vivida e reencontrar os sentimentos - mesmo os mais difíceis.

- Algumas poesias são um pouco tristes...

Só algumas. No tempo em que tanta gente abandona as botas, Elisa as calçou. Casa do Poeta, Serviço Social do Comércio (Sesc), Dante Alighieri: se havia um encontro em festa, lá estava ela. São tantos os amigos que, para comemorar os 50 anos vividos no Brasil, que já estão na porta, vai precisar de uma boa estratégia para acomodar a todos e todas.

Como Elisa mesma escreveu:

Minha história

*Da Itália, eu aqui cheguei
e Ribeirão me acolheu.
Por aqui, sempre morei;
e amigos me concedeu.*

*Não faltou a experiência
para de tudo eu cuidar
e aprendi com paciência
logo, o idioma falar!*

*Mas, isso não me bastava,
sempre gostei de escrever -
E Deus no caminho estava
traçou rotas... pra valer!*

*Quanto eu fui incentivada
nesse mundo da cultura
e, com fantasia alada,
eu me senti mais segura.*

*Com satisfação publico
mais um livro e meu recado:
- de escrever não abdicó,
gosto, e deixo meu legado!*

Entre Brunate e Como

Para acompanhar a entrevista, bolo de chocolate e cappuccino, que ela mesma preparou. No apartamento onde mora, nos Campos Elíseos, fotos, livros, recortes, quadros, troféus, medalhas e móveis que, assim como ela, cruzaram o oceano, ajudam a contar a história. Um quadrinho feito de mosaicos de azulejos está pendurado na parede do seu quarto, logo ao lado da cama. Um elo entre o passado e o agora.

- Era o trabalho do meu avô. Ele fazia em colégios, igrejas... No Sesc, eu aprendi e fiz esse. Foi uma alegria aprender uma coisa que meu avô também fazia...

Nasceu em uma casinha de Brunate, província de Como, conhecida pelo lago de mesmo nome, na região da Lombardia.

Conta que sua mãe, como era comum naquela época, estudou em um colégio interno da Alemanha, que ficava a algumas horas de trem do Vêneto, cidade onde vivia com a família.

- Todas as moças vinham para Milão trabalhar. Ela falava quase só em alemão. Em Milão, ela ensinava alemão para um casal de professores. Eles quiseram construir uma casa de campo em Brunate e ela foi para lá.

O pai de Elisa era jardineiro, na casa. Logo, o namoro aconteceu. E o professor, então, construiu uma casa para os dois viverem.

- Meus pais ficaram naquela casinha por mais de 40 anos. Eu só saí para casar, aos 22 anos.

Logo ao lado da porta de entrada do apartamento, uma imagem do funicolare que liga Como a Brunate: hoje ponto turístico, lembrança da juventude para Elisa. Inaugurado em 1894, ajudou no trânsito entre Brunate, a pequena vila situada no alto da montanha, e Como, cidade onde muitos iam para trabalhar ou estudar.

- Na juventude, meu pai ajudou a construir a última galeria do funicular. São dois trenzinhos na montanha: um subindo e o outro descendo. Na comemoração do



Elisa Alderani soma premiações e medalhas por suas poesias.



Lucia di Bernado Alderani e Pietro Alderani: pais de Elisa viveram na Itália por toda a vida.

centenário, nós estivemos lá.

Lagos lindos e jardins cheios de flores estão nas memórias mais bonitas de casa.

- Ali havia muitas árvores que dão o bicho-da-seda. Por isso, a cidade ficou famosa pela seda. Tinha muitas fábricas.

Além de jardineiro, seu pai trabalhava também em uma dessas indústrias de tecido.

Tiveram três filhos: Elisa e seus dois irmãos, um 6 anos mais velho do que ela e outro apenas 1 ano mais novo.

- Éramos quase gêmeos!

Era a mão dele que Elisa apertava, quando a guerra veio e o medo de sair na rua não podia impedir que frequentassem a escola. A Itália fascista de Mussolini aliou-se à Alemanha nazista de Hitler. Casa de fogão a lenha, tempos de tão dura guerra. A mãe levantava antes do dia nascer para conseguir comprar pão para os filhos pequenos.

- Os professores fugiam de Milão e iam para lá. Uma vez, levaram todo mundo para um ginásio, por medo de bombardeio na casinha.

Obrigado a entregar os funcionários judeus para o extermínio, o diretor da fábrica de seda, onde o pai trabalhava, matou-se de triste culpa. O pai, então, batizou o filho de Humberto, como homenagem ao amigo.

- Uma vez, alguns fanáticos de Mussolini tentaram pegar o meu pai, mas não conseguiram. Ele conseguiu correr e se esconder.

Com a guerra, o funicular ficou parado. Eles tinham que andar mais de seis quilômetros para chegar a Como. E outros seis para subir de volta.

Por tudo isso - e outros tantos motivos - quando a guerra chegou ao fim, o alívio tomou conta.

- Em 1945, a Itália começou a se refazer. Muita gente fugiu de lá... nós ficamos.

Elisa cursou os anos iniciais da escola em Brunate e os finais em Como. Aos 15 anos, fazendo curso técnico em química, começou a trabalhar em um laboratório.

O bondinho subia às 18h. Do ponto onde parava, até sua casa, era preciso andar mais 1,5 quilômetro, muitas vezes com a neve caindo ao redor.

- Era um inverno muito duro...

No curso técnico conheceu o homem com quem se casou, aos 22 anos, após um ano de namoro. Parou de trabalhar e passou a cuidar dos três filhos, que foram nascendo um após o outro. Não imaginava que a vida traria, como mudança, uma casa do outro lado do oceano.

*O sofrer nos faz maduros,
crescer bastante e sonhar!
torna o coração seguro
depois de tanto apanhar.*

*A linha do trem recorda
o dia em que tu partiste,
e o meu coração acorda...
pulsando a dor que produziste.*

Mudança para o Brasil

O marido trabalhava com estampanaria nas fábricas de tecido. Foi o que trouxe uma proposta de emprego nas indústrias Matarazzo, em Ribeirão Preto. Antes disso, chegaram a morar na Toscana. Voltaram a Como, quando veio o novo caminho.

Os filhos já estavam grandinhos. Lúcia tinha 13; Pietro, 15; e Paolo, 17 anos. O marido embarcou primeiro, para organizar as coisas em solo brasileiro. Mas, passados um ano e meio, ainda não havia perspectiva de juntarem de novo a família. Elisa agiu.

Primeiro, aprendeu a dirigir, aos 38 anos, para facilitar a vida lá na Itália.

- Em um mês, eu tirei carta!

Depois, avisou ao marido que estavam embarcando. Colocou todas as coisas em baús, malas e pacotes. O que pôde carregar, e seguiu viagem para o Brasil. Em sua casa, há ainda mesas, cadeiras, móveis, que imigraram com a família. Muito foi deixado para trás.

Seu pai já havia falecido e a despedida da mãe foi dolorosa.

- Eu vim cheia de coragem. Precisava vir atrás da minha família.

Para aprender o português, comprou uma fita cassete.

- Eu ficava escutando, repetindo.

Mas acabou pegando o sotaque de Portugal.

- Começaram a me chamar de portuguesa!

Chegaram em 9 de setembro de 1978 e fincaram raízes nos Campos Elíseos, bairro onde ficava a fábrica e de onde ela não mais saiu.

Oito meses depois, abriram uma loja. “Modas Elisa” foi o nome. Vendia roupas e aviamentos, mesmo ainda aprendendo o português.

Logo no primeiro dia, fez amizade com a vizinha da frente, de família italiana. E, pelos próximos, foi se tornando querida por toda a redondeza.

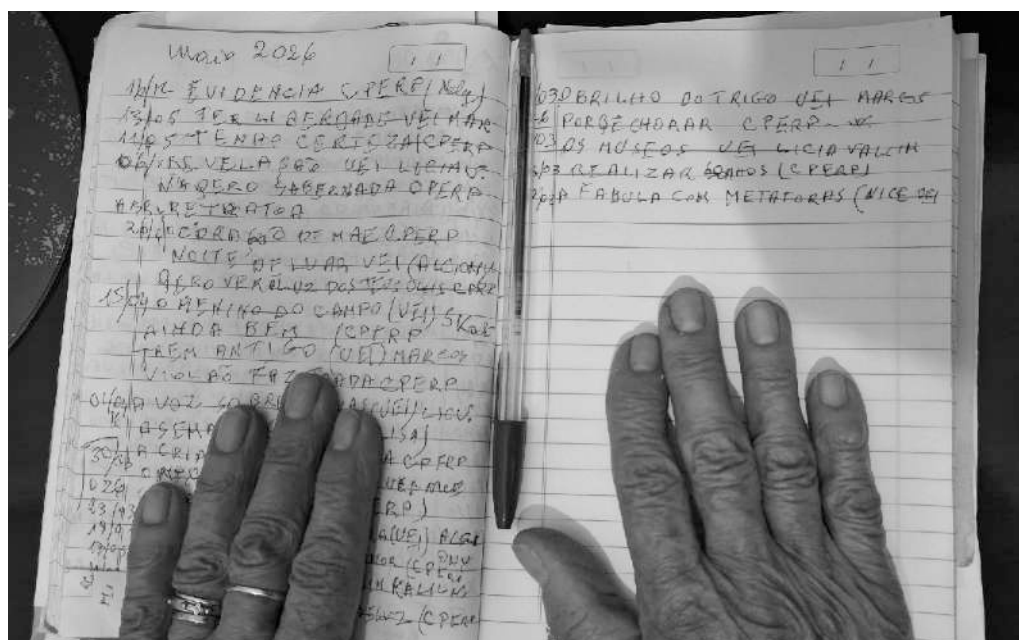
Por ideia da mãe, que veio da Itália para uma visita, levou sua máquina de costura para a loja e começou a fazer reparos também.

- Por 15 anos, foi muito bem! Eu até ajudei a levantar a casa que a gente construiu!

Já perto da década de 1990, por volta dos 53 anos, foi preciso parar. O casamento havia chegado ao fim, anos antes. Os filhos estavam formados e trilhando seus caminhos. Elisa descobriu que o barulho que sentia no ouvido era um tipo de tumor e



Elisa Alderani soma premiações e medalhas por suas poesias.



Em sua casa, Elisa tem centenas de poesias escritas em cadernos e que aguardam publicação.

precisou iniciar um tratamento.

- Antes de operar, eu fui visitar minha mãe, na Itália. Não sabia se voltaria a vê-la...
Voltei e prometi que, se eu sobrevivesse, iria escrever minha história em um livro.

Flores de poesia

Chega mais uma vez a primavera...

Quantas primaveras poderia contar, ainda não sei e nem quantas virão na minha frente.

*... Muitas flores colhi nas primaveras passadas,
todas já secaram. ...*

*Cada ano renovei pacientemente meu jardim,
esperando as chuvas para minhas flores não murcharem...*

*O tempo passou,
vem outra primavera promissora.*

*Saio em meu jardim para colher as mais lindas margaridas, uma
de cada cor, delicadas e belas.*

*Faço um lindo ramalhete perfumado com o olor de todas as primaveras vividas em flor,
com coragem e com amor...*

Coloco-as no vaso sobre a mesa para todos apreciarem...

Meu buquê é só de poesias.

As mais viçosas que escolhi:

Elas se espelham no vidro transparente de minha saudosa alma...

“O que eu faço agora, aos 59 anos?”

Elisa conta que essa foi a pergunta antes do voo. Estava curada e era preciso encontrar novas asas para o momento que a vida apresentava.

Começou a frequentar o Sesc, em Ribeirão Preto.

- *Tinha oficinas de poesia, pintura e, toda noite, uma escola voltada para a terceira idade. Eu estava lá!*

O primeiro passo para outros muitos que vieram. Antes da pandemia do Covid se instalar, em 2019, a rotina estava sempre preenchida por bons encontros. Até as aulas de Tai chi chuan estavam na lista dos passatempos que teve.

- *Eu não perdia um evento! Ia em todos!*

Não demorou a somar concursos participados e medalhas conquistadas. Entre os nomes - que são muitos - está o da amiga Rita Mourão, que também se tornou escritora, depois de criar os filhos e quando a vida já passava dos 60.

- *Ela me ensinou muita gramática do Brasil. Me ensinou a fazer trovas. Participamos*



Elisa, o pai e os dois irmãos, Umberto e Felice, quando viviam na Itália.



Pietro, Lúcia e Paolo: filhos de Elisa nasceram na Itália e vieram para o Brasil na adolescência.



Elisa Alderani na adolescência vivida na Itália.

de muitos concursos juntas. Em Belo Horizonte, eu ganhei com poesia e ela com crônica!

O primeiro livro, Flores do Meu Jardim/Fiori del mio giardino, foi lançado em 2008. Narrou parte de sua história em poesia, com edição bilingue, português/italiano, reverenciando suas raízes. O valor arrecadado com a venda foi transformado em solidariedade.

- Eu ajudei entidades, escolas. Doe tudo o que vendi!

Em 2023, aos 85 anos, lançou Asas, uma coletânea de poemas baseados em obras de artistas - e amigos - que integravam a União dos Escritores Independentes e a Casa do Poeta.

Hoje, no apartamento onde mora, centenas de poesias escritas à mão em caderninhos esperam a hora da publicação.

- Eu poderia parar, mas gosto de escrever. Esqueço de tudo quando estou escrevendo. Tudo me chama a atenção... tudo pode ser poesia.

São muitas as homenagens que recebe dos amigos. Anos atrás, um sarau da Casa do Poeta celebrou sua obra e vida com música e, claro, muita poesia. Lá estava Elisa, sorridente e orgulhosa, enquanto recebia as flores dos amigos.

As netas são narradas com orgulho. Aponta para as fotos das meninas, ainda crianças. Vai contando a trajetória bonita que cada uma traçou entre formaturas e caminhos profissionais.

- Olha essa foto! Sou eu menina, mas não é a cara da minha neta?

Na parede da sala, um quadrinho estampa a companheira diária em palavra: saudade.

Fez muitas viagens, para visitar quem ficou na Itália. Quando a mãe adoeceu, subiu no avião e esteve ao seu lado.

- Fiquei até minha mãe fechar os olhos.

Na cozinha, consegue um reencontro com os sabores que aprendeu do outro lado do oceano. Risotos e massas, em receitas que foram passadas para os filhos.

E como faz passar a saudade? Ela, então, responde:

- Não passa! Até quando deito, me lembro de minha família.

Uma amiga artista pintou para ela um quadro da neve. Está pendurado na cabeceira da cama, inspirando os sonhos com a terra que deixou. Quando acorda, porém, celebra o lugar onde se reconstruiu.

- Nós não levamos nada dessa vida... tudo passa. Eu aprendi com a minha mãe.

Logo, logo, encontra mais um tema para poesia. E encerra com essa, que tanto diz sobre ir, vir, e (re)encontrar.



Na juventude, Elisa trabalhou em um laboratório e fez um curso técnico em Química.



Lúcia, mãe de Elisa, em registro com os netos.

Malas

*Quanta gente arrumando malas, desmanchando malas, fabricando sonhos,
arquivando histórias.*

Gente olhando ao longe suas terras, lágrimas como rios descem a serra...

Tempo para partir, tempo para chegar, tempo para mudar de vida.

Corações partidos, suspensos no ar.

Caminhos atrapalhados, desconhecidos.

Brasil, Santos, São Paulo.

Imigrantes chegando; navios repletos de sonhos.

Cheiro de malas velhas trazendo esperanças,

pisando no chão estrangeiro, o Brasil da verde serra.

Vejo-me última imigrante, chegando à bela São Paulo,

Procuro minha mala entre tantas... Mala transformada, artista da vida.

Fotografias, certidões de casamentos perdidos,

Histórias novas e antigas.

Corações partidos de tristeza e pranto por ter deixado a pátria amada.

Ilusões de riquezas nunca realizadas.

São Paulo de malas abertas, olhos sempre alertas...

Gente trazendo artes escondidas, entre chapéus e jornais.

Imagens de santos e castiçais.

Roupas de todos os tipos, trajes de diferentes modelos.

Fragmentos de espelho refletindo a vida, sonhos despedaçados.

Relógios usados medindo o tempo...

Vida corrida, entre os arranha-céus, viadutos, estradas novas e antigas.

Milhões de gente desconhecidas com sonhos iguais, amarradas.

Ilusões no túnel do passado, caminho do imigrante italiano,

Alemão, holandês, japonês, coreano.

Um só coração fazendo história, uma realidade que não seja só memória.

Quatrocentos e cinquenta malas abertas espalhando esperança.

“São Paulo acolhedora e bela, hoje homenageada pelo mundo inteiro!”

Na história de Carmen e José — Antônio, a força do trabalho que atravessou gerações



Na casa de Carmen Beltramini Turci, 86 anos, a máquina Singer comprada na década de 1940 relembra que o trabalho costurou as gerações da família Micheli.

Com José Antônio Turci, 84, não foi diferente. Viu pais e avós enfrentarem a vida dura e, bem cedo, entendeu que, para conquistar, precisaria trabalhar muito.

Casados há 61 anos, eles multiplicam os legados das raízes italianas.

- Parece que tá no sangue, na nossa raiz. - São as palavras dele.

Na sala de jantar, um enorme mural traz as fotos da grande família. As muitas imagens coloridas dos netos e netas misturam-se às poucas antigas, registro raro de uma época em que nem eram imaginados os caminhos da tecnologia. Na outra parede, uma pintura feita por Antônio retrata o fogão a lenha da casinha simples onde a família viveu.

- Aqui, nessa foto, estão todos os meus irmãos! - Carmen mostra.

Para relemburar a história, os dois buscaram driblar o tempo que insiste em levar as memórias. Escreveram algumas memórias. Anotaram o que não podia faltar.

- A gente ficou pensando se teria o que contar...

Entre conversas, recordaram bem mais do que o papel pôde guardar. Detalhes de uma trajetória feita entre dores, sim. Mas muita força.

- Viver muito é bom, mas a gente passa por muita coisa... tantas perdas... - São as palavras dela.

Carmen

“Carmina, vieni qua”: por toda a vida, foi assim que a nonna chamou Carmen. A vida reconstruída no Brasil não levou o italiano embora.

- Ela aprendeu bem o português. Mas tudo o que falava tinha sotaque.

Algumas das histórias contadas por ela vinham com muita dor. Carmen pôde ouvi-las até os 21 anos. Privilégio que trouxe parte da história guardada.

- Minha avó faleceu em 7 de março, dia do meu aniversário de 21 anos...

Sebastiana Cassarino Micheli, a nonna, contava que nasceu na Sicília e perdeu o pai muito cedo. Ficou com a tarefa de ajudar a cuidar da casa e dos seus irmãos.

O avô de Carmen, Salvador Micheli, era da Calábria e já havia se casado uma vez. Teve dois filhos, Maria e José, mas ficou viúvo também muito cedo.

- Como eles se encontraram, você não me pergunte, porque eu não sei! Eles se casaram.

Era por volta de 1869, nas memórias de Carmen.

- Eles eram muito pobres. Minha avó trabalhava na casa das pessoas. Para ter café em casa, ela tinha que pegar o pó que as famílias descartavam. Ela dizia que o café era muito caro...

Decidiram tentar a vida no Brasil. A neta sabe que vieram no porão de um navio. E, ali, Sebastiana viveu uma dor que nunca passou. Saiu grávida da Itália, mas chegou sem o bebê às terras brasileiras.

- Ela teve o bebê no porão. Então, foi atirado no mar, o filhinho dela. Eu não sei se era um filhinho ou uma filhinha. Eu só sei que ela chorava, quando contava isso...

Eles foram para a região de São José do Rio Pardo, onde nasceram Alfeu Micheli, o tio mais velho de Carmen, e Anunciata, sua mãe. Depois, ainda vieram Antônio, Cirilo, Rosa, Luzia e Ângela. O trabalho sempre foi na lavoura. Viveram em Orlândia e em Jardinópolis.

Seus pais se conheceram “na roça”, como ela diz. João Beltramini, seu pai, também vivia do trabalho na terra.

- Mas era o avô que arrumava o casamento. Os homens gostavam da mulher, mas a mulher não tinha o direito de gostar. Ele gostou porque ela ajudava a trabalhar na roça e

falou com meu avô, para deixar ele ir lá na minha casa.

O casamento saía logo, sem namoro ou conhecimentos prévios.

Carmen conta que, antes de seu nascimento, a mãe viveu uma das histórias mais difíceis. Acredita que foi após um desentendimento com vizinhos, mas não há muitas certezas. Fato é que sua mãe desenvolveu problemas psiquiátricos e passou um tempo, que Carmen não sabe mensurar, internada em um espaço que prometia cuidados, na cidade de Franca. Quando voltou, trouxe as marcas.

- Ela estava toda marcada de chicotada. Era amarrada lá. Eles batiam para sarar da loucura.

Quando Carmen nasceu, em março de 1940, Anunciata já estava bem, de volta ao lar, ainda que sempre carregasse na memória o horror vivido.

A família morava em uma fazenda chamada São Jerônimo, em Jardinópolis, como relembra. Mas passaram por outros muitos lugares.

- Meu pai virou carroceiro... não tinha parada. Ia de um lugar para outro.

José, Antônio, Maria, Salvador, Olívio, Luiz, Osvaldo e Verônica: entre os filhos que nasciam, as perdas eram constantes.

- Minha mãe tinha muito filho. Um atrás do outro, um atrás do outro. Você imagine ter 15 filhos, né? Ela perdeu alguns...

Entre tantos pequenos, uma vida de muita dureza.

- A gente ficou sempre na roça, de fazenda em fazenda. Uma vida muito dura, porque a gente era pobre, né?

Em 1944, quando tinha 4 aninhos, Carmen perdeu a irmã Maria.

- Ela se casou muito cedo, com 16 anos, e com 17 anos morreu, 15 dias depois de dar à luz uma menina que se chama Madalena e já tem mais de 75 anos. Hoje, a gente sabe que foi pré-eclâmpsia... naquela época chamavam de "suspensão". Não tinha recurso nenhum...

Carmen guardou na memória a tristeza daquele momento, no choro sentido da mãe, que atravessou muitos e muitos dias. Dias feitos entre tantos e tantos desafios.

A mesa não era farta, mas nunca ficava vazia.

- A gente comia muita polenta. Mas fome não passava...

A nonna ensinou a fazer as massas em casa.

- Minha mãe estendia a massa na mesa, cortava e colocava para secar.

Nessa época é que a máquina Singer, a mesma que ainda hoje fica no quarto onde Carmen costura bolsas e toalhas, passou a fazer parte da casa.

- A minha mãe costurava para fora com uma maquininha de mão. Não rendia, mas ela sempre queria ajudar um pouquinho na renda. Era sempre muita miséria... Aí, o meu tio Antônio, que era irmão dela, ficou com dó e comprou uma máquina de costura Singer.



Hercília, mãe de José Antônio, com Jader no colo; e Anunciata, mãe de Carmen, com o neto José Antônio Turci Filho em pé.



Carmen ainda guarda a máquina de costura Singer que sua mãe, Anunciata, ganhou de presente de um tio na década de 1940.



Na sala de Carmen e José Antônio, um bonito mural exibe fotografias de toda a família.

Vieram para Ribeirão Preto, quando Carmen tinha entre 5 e 6 anos, por volta de 1945. Foram morar em uma casa simples, da Rua Anita Garibaldi.

- Logo no outro ano, a minha mãe levou a gente no quarto grupo escolar. Ela comprou uma casa por 22 mil réis, nos Campos Elíseos. Mas não tinha escritura. Então, ela colocava o dinheiro embrulhado em um espartilho, embaixo da cama, de medo. Ai ela falava: “Agora, todo mundo tem que arrumar trabalho, porque não pode pegar aquele dinheiro, que é para pagar a casa quando fizer a escritura”.

Aí, meus irmãos foram trabalhar. Um foi para a carpintaria, outro aprendeu a ser pedreiro e outros trabalharam como operários em fábricas.

- O meu irmão mais velho, o José, carpiu a área todinha onde foi construído o Mosteiro de São Bento. Era puro mato. O Luiz foi estudar. Foi o irmão mais estudioso da minha casa. Acabou sendo capitão da polícia.

Foi preciso que todos ajudassem, porque o pai, João, não conseguia mais trabalhar. Na lavoura de algodão, machucou o olho e não podia mais tirar carteira de carroceiro, como era exigido na cidade. Por um erro médico, lhe arrancaram todos os dentes da boca, por acharem que o problema nos olhos estava relacionado a infecções dentárias.

- Eles sofreram muito... minha mãe sofreu demais! Viver tudo isso...

Ainda assim, ele tentou trabalhar.

- Ele foi para o moinho de milho fazer as entregas. Mas o fiscal parou a carroça e pediu a licença para dirigir. Ele não tinha. Ai, ele precisou parar de ser carroceiro. Tentou ser verdureiro, mas também não deu certo. Ia vender verduras na rua, mas tinha vergonha de gritar. E se não gritasse, as mulheres não saíam no portão. Ele chegava em casa com os maços todos de verdura, sem vender.

Uma vizinha ajudou e ele conseguiu se aposentar. Os filhos somaram forças para ajudar a manter a casa. E Carmen não ficou de fora. Trabalhou como doméstica ainda menina. Escreveu algumas memórias, impressas pela família e guardadas com carinho no Livro da Avó Carmen”. Ali, está um trecho da história.

- No terceiro ano, a minha professora me convidou para ir na casa dela para ajudá-la na fabricação de docinhos porque ela fazia festas e também fazia bolos enfeitados. Só que não foi nada disso. Fui ser empregada doméstica. Arrumava a casa, lavava o banheiro e ficava mexendo nas panelas de doce de abóbora que espirrava nos meus braços e queimava muito. Ficava lá até a hora de ir para a escola, que era 14h30. Levava o uniforme e vestia lá. Ia junto com ela carregando a bolsa, porque íamos a pé. Só depois da aula é que eu ia para minha casa.

Precisou deixar a escola no quarto ano do grupo escolar e foi aprender a costurar, trabalhando em oficinas. Fez também cursos de datilografia e culinária. Seu primeiro emprego formal, como aprendiz, foi aos 14 anos, mas durou bem pouco tempo.



Os filhos de Carmen e José Antônio quando crianças: Carmen Susi, José Antônio e Jader.



Anunciata e João Beltramini, pais de Carmen.

- Poucas meninas ficavam lá, porque o trabalho era muito penoso. A gente tinha que polir os anéis de ouro. E era com o dedo. Você punha o anel no dedo e tinha uma lixa que rodava. Mas não lixava só o anel, lixava o dedo também.

Depois, ela passou um tempo trabalhando em uma fábrica de massas e diz que “aprendeu de tudo”. Trabalhou também em lojas de departamentos, antes de ir para as fábricas Matarazzo e, depois, para uma fábrica de calçados.

- Eu nunca fiquei com R\$ 100 do meu salário. Era tudo para os meus pais. Aí eu me casei e parei de trabalhar.

Entre as memórias, há também doçura.

A nonna sempre pegava as meninas para verificar se as orelhas estavam limpas. A cozinha italiana tinha um gosto sem igual. Carmen diz que sua mãe aprendeu cada receita. E até mesmo a improvisar, quando a despensa e a geladeira estavam vazias.

- Ela fazia uma torta inventada. Pegava verduras, tudo o que tinha, misturava e ficava muito bom.

O doce de leite passava horas no fogo apurando e deixava as festas de São João ainda mais gostosas. Pão caseiro não podia faltar. Carmen também aprendeu as combinações, que passaram sabe-se lá por quantas gerações.

- Posso estar com dor no corpo, sem dor. Eu não deixo de fazer o meu pão.

Então, ela traz um pão delicioso, feito no dia anterior e serve, com todo carinho.

José Antônio

Na história contada para José Antônio, os avós Rosa Stefanelli e Francisco Trevizan vieram de Treviso para Ribeirão Preto já casados, por incentivo do governo italiano, que enfrentava os efeitos do pós-guerra, por volta de 1930.

Receberam um terreno da prefeitura, na Rua Pará, no bairro Ipiranga, e foram buscar trabalho.

- Cada família pegou um pedaço de terra.

Francisco conseguiu uma vaga no Matadouro Municipal de Ribeirão Preto, que ficava próximo à avenida Dom Pedro. Entre os 7 filhos, tiveram Hercília, mãe de José Antônio.

Dos avós paternos, de sobrenome Turci, ele sabe pouca coisa. Seu pai teve um único irmão, que morreu aos 52 anos, quando José Antônio tinha apenas 12.

- Eu sou o caçula... sei menos de tudo!

José Antônio seria José Francisco, mas nasceu em 13 de junho de 1942.

- Nasci no dia de Santo Antônio! Teve que mudar!

Os pais cuidavam da família entre muitas dificuldades.

- Minha sogra contava que o meu sogro foi a pé, até Jardinópolis, para ver uma vaga

de trabalho, porque não tinham dinheiro para ir de condução.

Ele trabalhava como carpinteiro. Então, por um tempo, viveram na Usina de Igarapava, onde havia trabalho. Depois, se mudaram para os Campos Elíseos e, com as orientações de um vizinho, ele aprendeu também a marcenaria. Hercília cuidava dos seis filhos e da casa - o que já era muito trabalho!

Assim que ficavam grandinhos, eles começavam a trabalhar. Quando o pai morreu, ainda tão jovem, as coisas ficaram ainda mais difíceis.

- Uma irmã trabalhava remendando saco de batatas; a outra foi para as fábricas Matarazzo. Meu irmão foi ser pedreiro. Todo mundo trabalhava...

José Antônio também começou a trabalhar ainda menino. Engraxate, ajudante de lavador de terno, atendente de farmácia, ajudante em vidraçaria. Foram muitos os ofícios.

Em junho de 1960, quando completou 18 anos, foi para a escola de bombeiros, em São Paulo, de onde voltou dois anos depois treinado para a profissão. O quartel ficava na esquina da Rua Sete de Setembro com a São Sebastião, Centro de Ribeirão Preto.

Não se aquietou, porém. Decidiu terminar os estudos, com incentivo de uma sobrinha. O chamado Telecurso era transmitido pela TV Tupi e foi assim que Antônio conseguiu o diploma do ginásio, que lhe abriu novas portas. Ele escreveu sobre isso no Livro do Vô Zentônio, onde registrou um pouco da trajetória como legado para filhos e netos.

- O teste para se formar no colegial foi em uma escola na rua Marquês de Pombal, ao lado da estação de trem "São Paulo e Minas". Havia mais de 400 pessoas fazendo a prova. Passei em todas as matérias.

O curso de eletrônica foi feito por correspondência e com a leitura de livros e revistas que falavam sobre o tema. O interesse surgiu porque gostava muito de música e sonhava em ter um amplificador. Como não tinha condições financeiras de comprar um, decidiu que iria construir o seu próprio. E conseguiu usando caixas de sapatos. Mas, depois, o aprendizado se tornou também trabalho. Nas horas "vagas" dos bombeiros, consertava rádios e televisores. Somou ainda um curso de detetive particular e outro de datiloscopia.

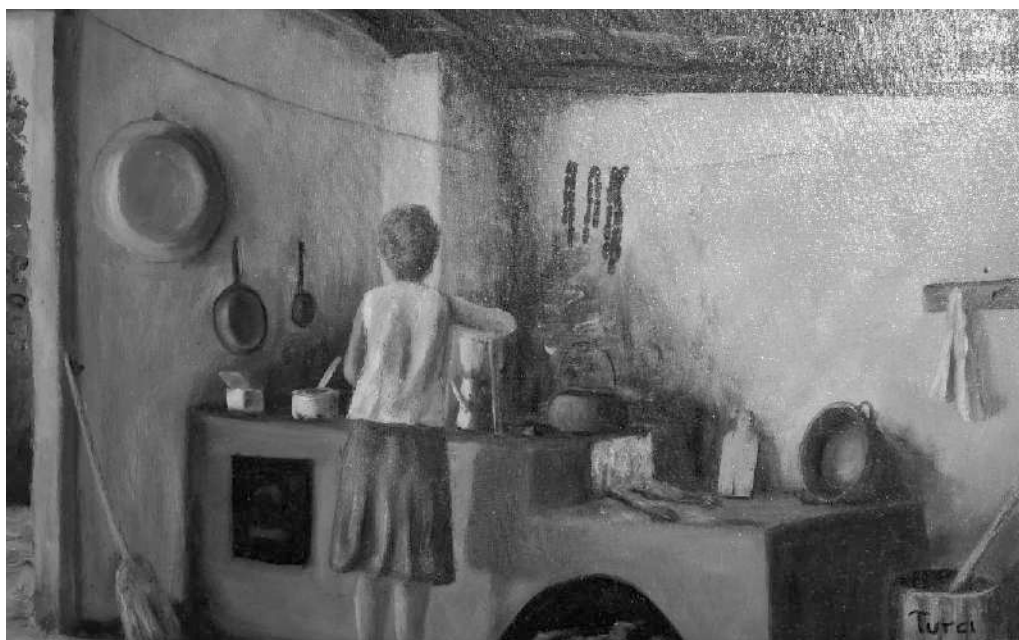
Difícil era encontrar as tais horas vagas.

- No Bombeiro, eu trabalhava das 7h da manhã até às 7h do outro dia: 24 horas. Mas eu saía de lá e ainda ia trabalhar em uma vidraçaria, até às 12h.

Os tantos conhecimentos somados lhe possibilitaram abrir outras portas.

Em 1971, já casado com Carmen e com os três filhos pequenos, foi aprovado em um concurso da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel).

- Até então, eu tinha uma lambreta, mas, depois que entrei na Embratel, comprei o



Nas pinturas de José Antônio, retratos do cotidiano da família ganharam forma e cor.

meu primeiro fusquinha.

Em pouco tempo, tornou-se responsável técnico pela Central de Telex, com treinamento oferecido pela empresa.

- Você sabe o que é telex?

Na era da tecnologia, é importante lembrar que o telex foi um sistema de comunicação telegráfica que operava com teleimpressores conectados por linhas telefônicas. Um sistema ainda anterior ao fax, que possibilitava transmitir documentos impressos via telefone. Quando o fax chegou, a Central de Telex foi vendida, na década de 1990. Ele se aposentou, mas não totalmente.

Em uma viagem que fizeram ao Paraguai, comprou uma máquina filmadora muito tecnológica para a época! Além de registrar a família toda, começou a filmar também aniversários e outras festas, como trabalho.

- Só parei quando me deu um problema no coração!

Então, aprendeu a pintar. E passou a retratar as memórias com tanta sensibilidade que foi premiado por uma obra. Dezenas delas estão espalhadas pelas paredes da casa.

Quando a pergunta é de onde veio tanta força, a resposta é simples:

- Eu nem sei se sou forte. Tive que fazer pela necessidade.... A vida veio sempre com muita dificuldade.

Encontro de histórias

Carmen diz que o primeiro encontro foi lá na infância. Antônio não se lembra.

- A vizinha de cima da nossa família tinha um filho que se casou com uma irmã dele. Nos vimos no casamento. A gente era moleque.

Para Antônio, o encontro decisivo foi na praça da Igreja Santo Antônio, nos Campos Elíseos, em 1960. O footing era o passeio da paquera. Homens giravam para um lado e mulheres para o outro. Os olhares dos dois se cruzaram e não desviaram mais.

- Um dia ele foi lá na loja em que eu trabalhava e perguntou se podia me esperar na saída. Era Natal e a loja fechava só 10 horas da noite. Foi assim que começou! Ela conta e ele complementa:

- Eu comprei um saleirinho só para poder falar com ela...

Nessa época, Carmen tinha por volta de 20 anos e trabalhava nas Lojas Brasileiras, de departamentos. José Antônio já estava na Escola de Bombeiros e voltava para Ribeirão Preto aos finais de semana, quando o namoro podia acontecer.

Eles se casaram em 1965, na mesma igreja da Praça Santo Antônio que viu os olhares se cruzarem pela primeira ou segunda vez.

O primeiro filho, José Antônio, como o pai, chegou em 1966. Em 1968 nasceu Jader e

em 1969 foi a vez da Carmen Susi. A mãe assim registrou:

- Estava tudo indo bem, quando descobri que estava grávida. Foi um susto na hora, mas foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Deus me presenteou com o nascimento da Susi, no dia 24 de dezembro de 1969. Foi o meu presente de Natal.

Os desafios que marcaram a juventude dos dois se somaram, após o casamento. Muito trabalho e os sustos com os filhos pequenos. Jader teve problemas pulmonares e as internações foram constantes, nos primeiros anos de vida, como Carmen escreveu.

- Quando o Jader fez um ano, nós passamos no hospital, porque ele teve uma nova crise de asma. Eu cantava o parabéns e chorava, debruçada no berço. Ele ficava em uma tenda de plástico com oxigênio e não podia ficar no colo. Mas, dessa vez, graças a Deus, depois de nove dias, ele teve alta e fomos para casa.

Passaram por algumas moradas. Logo depois de casados, dividiram a casa dos pais dela, com tios e até a sogra, mãe de José Antônio, que decidiu morar com os dois. Tinham um só banheiro para toda a gente. E um quintal compartilhado.

Aos poucos, foram conquistando a casa própria. A primeira veio de um programa público de moradia.

- Meus cunhados iam ajudar a gente a reformar de sábado e domingo. Um irmão pagou a pintura, o outro o teto. Assim, fizemos nossa casinha.

Passaram por alguns bairros: Campos Elíseos, Jardim Independência, Castelo Branco e Nova Ribeirânia, onde vivem até hoje.

Depois de tantos desafios, a vida se acalmou. Tanto trabalho trouxe filhos encaminhados profissionalmente e, quando a situação financeira se estabilizou, os dois curtiram a estrada. Sem aviões, porque Carmen nunca quis experimentar o transporte pelos céus.

- Nós aproveitamos bastante. Tudo o que vivemos nos ensinou a valorizar as coisas que a gente tem, a não ter ambição desregulada. Eu valorizo todas as coisas que eu tenho.

Os filhos puderam guardar outros tipos de memória.

- Eles tiveram uma infância maravilhosa.

No mural repleto de fotos, estão os retratos dos sete netos e cinco bisnetos, que se reúnem sempre que podem. Ainda que a distância não deixe tanta possibilidade.

- Temos uma neta na Suécia, um no Canadá e dois netos em São Paulo.

Nas paredes da casa, há também retratos antigos e uma oração que a irmã escreveu a Carmen antes de partir e que, agora, ocupa lugar de destaque. Afago para amenizar a saudade. No quarto que ela transformou em ateliê, usa retalhos para fazer toalhas, colchas e bolsas. A máquina Singer da mãe continua ali, junto à dela, um pouco mais moderna.



Carmen reunida com os irmãos e uma prima.

- Aqui é o meu cantinho.

O medo de avião anula os planos de pisar na Itália. Então, ela viaja como pode.

- Eu fico vendo as cidades italianas no YouTube e pensando: Onde será que a nonna nasceu? Assistimos duas vezes à novela Terra Nostra. Aquela italianada conversando... parece que está na nossa raiz!

Todos os dias, José Antônio toma uma taça de vinho.

- Não pode faltar!

Há muito a celebrar, afinal, depois de tantas lutas atravessando gerações, a tranquilidade de quem escreveu tão bonita trajetória. Para o agora, querem o simples - e tão grandioso: saúde para prosseguir, filhos, netos e bisnetos por perto, um dia após o outro.

Entre Asolo e Serrana: o caminho de Tittoto em busca das raízes italianas



Foi durante uma viagem de trabalho, em 1979. O percurso que deveria levar uma caminhonete ao Iraque colocou Antônio Fernando Tittoto no caminho de volta para casa.

Como engenheiro, ele trabalhava em uma grande empresa de tratores e, por dois anos, morou no Iraque. Recebeu a tarefa um tanto desafiadora de levar um veículo da Suíça, onde ficava a sede administrativa da empresa, até o país do Oriente Médio, cruzando a Itália.

Um pequeno e intencional desvio de rota o levou até a raiz de sua história familiar. Passando por Milão, viu a placa de Treviso. Até então, a informação que tinha era de que ali estava a história de seus antepassados.

Teria poucas horas para retomar a rota e chegar ao porto de onde embarcaria o veículo. Mas decidiu arriscar.

TITTOTO

Seus tios haviam visitado a cidade pouco antes e conhecido Chiara, uma prima que vendia frutas em uma banca ao lado do portão da cidade. Tittoto, então, sabia por onde começar a procurar. Conseguiu encontrar a prima, mas logo soube que sua parada não seria ali.

- Até então eu não tinha informações sobre Asolo. Fui o primeiro Tittoto da família brasileira a pisar lá.

A prima explicou que na pequena cidadezinha, bem perto de Treviso, Tittoto iria encontrar as informações que buscava. Ele não teve dúvidas. Partiu para Asolo e, ao chegar, viu logo o sobrenome “Tittoto” na fachada de uma loja. Ao parar e se apresentar, a recepção foi curta e grossa. “Não é aqui. É mais para cima”.

- Eu fiquei decepcionado. Lá é uma colina, sabe? Essa loja era no pé da colina, na rodovia. Eu já estava atrasado para chegar no porto. Então, não pude subir.

Foi embora, mas já traçando os planos de volta. Pouco tempo depois, voltou e subiu a colina.

- Maria Tittoto: foi ela quem abriu para nós a porta da história.

O laço foi refeito. Encontrou a família perdida séculos antes e a alegria desse dia ainda reverbera na sua fala, quase 50 anos depois.

A partir daí, o afeto encurtou a distância entre o Brasil e a Itália. E permitiu que Toninho Tittoto, como é conhecido e chamado, resgatasse raízes ancestrais. E não só ele. Primos, primas, tios e tias também estiveram em Asolo, pisando o chão que Santo Tittoto pisava antes de embarcar em uma jornada desconhecida, que encontrou em Serrana espaço para acontecer.

- Para contar uma história, é preciso um ponto de partida. E a história da imigração é assim: a continuidade de uma existência.

'Eu, caçador de mim'

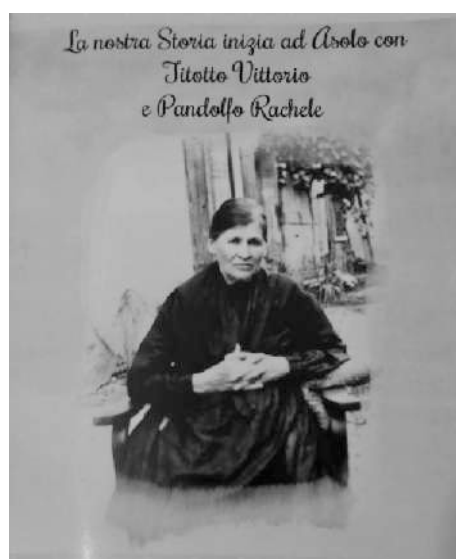
Para explicar a busca pela história de sua origem, Toninho Tittoto recorre à Milton Nascimento:

- 'Eu, caçador de mim!'. Está dentro a busca por quem eu sou. É uma paixão.

Quando fala, se emociona. Para ele, a história de partir, sem nada levar, carrega muito dor. Seu povo, ele diz, traz o sofrimento como marca. Conseguiram amenizá-la semeando trabalho e colhendo prosperidade.

- Esse trauma demora gerações para sair da gente. Não sai na primeira. Você vai passando para os filhos geneticamente essa energia de ressentimento.

Foi a fundo em suas buscas. O primeiro livro que registra parte da história da família Tittoto foi publicado em outubro de 1985. “Álbum de Serrana”, organizado por um



Registros da família Tittoto transformaram-se em um livro de memórias.

TITTOTO

jornalista, traz o percurso das famílias mais tradicionais da cidade.

Ali, a história começa na partida de Santo Tittoto. Mas Toninho fez questão de ir além, ainda mais fundo em suas descobertas.

Quis entender a origem do sobrenome e encontrou significados de força:

- Vem de Titã, Titanic: gente forte, gente muito forte.

Ao longo de décadas de pesquisa, Toninho reuniu documentos e narrativas familiares que associam a origem dos Tittoto a antigas migrações pelo Cáucaso, pela Anatólia e pelo Mediterrâneo. A rota de fuga, ele afirma, incluiu passagens pela Turquia, Chipre e Grécia, antes da chegada ao Vêneto, na Itália.

Como chegaram a Asolo? Ele conta a história de Catarina, rainha de Chipre, que tinha os Tittoto como serviçais em seu palácio.

- O rei de Chipre foi assassinado pelos turcos. Como ela era veneziana, foi pedir ajuda no Vêneto e ganhou um castelo em Asolo, que está lá até hoje. Os criados a acompanharam. E assim, nós chegamos.

Mais uma vez, porém, foi preciso fugir. Entre 1875 e 1925, motivados pela miséria decorrente da invasão do Vêneto por Napoleão, os Tittoto tiveram que partir, segundo a narração de Toninho.

- O destino desse povo é migrar, fugir de greves, de guerras, de opressões. O eixo principal é esse.

O Brasil apareceu como salvação, ainda que, depois, eles tenham entendido que seria preciso muita luta para a prosperidade chegar.

- Um país tropical e agrícola: é tudo que a gente queria! Estávamos procurando isso há quantos séculos? O Brasil é a parte da prosperidade.

Entre chegadas e partidas: a terra

Santo Tittoto, bisavô de Toninho, chegou ao Brasil em 1889, logo após a abolição da escravidão, para trabalhar nas lavouras de café.

Na Itália, por volta de 1882, ele se casou com Virgínia Reginatto. Tiveram três filhos - Ricardo, Ernesta e Júlia -, mas Virgínia faleceu no nascimento da caçula, após quatro anos de casamento. Pouco depois, Santo se casou com Catarina.

- A promessa era que ela não maltratasse os seus filhos. Mas ela maltratou. Ele, então, a abandonou e veio embora com os filhos pequenos.

Ricardo, avô de Toninho, tinha seis anos quando chegaram ao Brasil. Em Serrana, foram para uma fazenda chamada Martinópolis.

- Meu bisavô enfrentou a vida na fazenda trabalhando sozinho, com três crianças pequenas.

FAMÍLIA TITOTO

TAMBÉM ESCRITA TITOTO, TITOTTO, TITOTI E TITOTE



A família Titoto é originária da Itália, da região de Veneto (Veneza) e mais precisamente da Província de Asolo, pequena cidade aproximadamente 30 km ao norte de Treviso (Distrito).

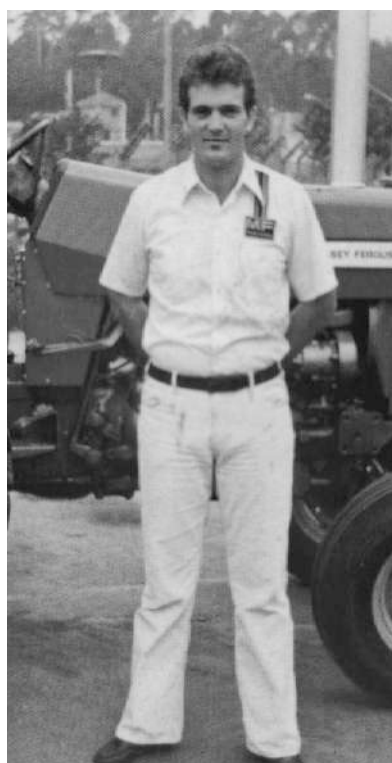
Ainda na Itália, por volta de 1.882 Santo Titoto I casou-se com Virginia, e dessa união nasceram os filhos Ricardo, Ernesta e Glielele (Julia). Logo após o nascimento do último filho, Virginia morreu. Isto significa que Santo I ficou casado aproximadamente 4 anos apenas. Como era de se esperar, viúvo e com 3 crianças pequenas casou pela segunda vez, com Catarina, ainda na Itália. Conta a história que Santo impôs uma condição para este segundo casamento. Só casaria com Catarina se ela não maltratasse seus filhos. Passado pouco tempo isto não aconteceu e desgozoso Santo I abandonou-a e partiu para o Brasil com os três filhos pequenos, (nesta época Ricardo tinha 6 anos) vindo se fixar no município de Serrana, precisamente na fazenda Martinópolis onde reiniciou na nova vida como colono de café.

Santo Titoto I com sua segunda esposa Catarina em pé, da esq. para direita), Josephina (Pina) Titoto; Itália Titoto; Secondo Titoto; Giuseppe Martini esposo de Virginia Titoto.

O primeiro livro a registrar parte da história da família Tittoto foi publicado em outubro de 1985: "Álbum de Serrana".



Documentos coletados por Tittoto ajudaram a compreender a travessia de seus antepassados.



Tittoto trabalhou com tratores em uma das maiores empresas do ramo.



Os avós paternos, Ricardo Tittoto e Luiza Berto Tittoto.



Em 1979, Tittoto atravessou a Itália em uma viagem de trabalho que acabou levando-o à cidade de seus antepassados: Asolo.

Pouco depois, porém, Catarina embarcou em busca da reconciliação. No Brasil, continuaram casados e tiveram cinco filhos: Virginia, Maria, Itália, Secondo e Giusepina.

A turma foi crescendo e somando forças nos trabalhos.

Ricardo se casou em novembro de 1904 com Luiza Berto, italiana que também havia migrado de Treviso e tinha 16 anos. Os filhos foram chegando em escadinha.

- Ele era muito forte e vigoroso. Tiveram 11 filhos, mas uma morreu, a Estela. Meu avô era um homem muito direito, trabalhador e liderava. Os filhos cresceram, começaram a ajudar e a fazer dinheiro.

Por volta de 1920, com o café perdendo espaço para a cana, Santo Tittoto, Catarina e os filhos se mudaram para Uchôa. Ricardo foi o único a ficar em Serrana.

- Meu avô teve um reumatismo infeccioso e não conseguia mais trabalhar na terra. Então, ele começou a cuidar do almoxarifado e se transformou em um seleiro.

Com a crise do café em 1929, porém, ele também precisou mudar a rota. As coisas foram ficando mais complicadas e o dono da fazenda sugeriu:

- Ele disse: 'Ricardo, você tem tantos filhos! É uma turma trabalhadora! Você tinha que ir para a cidade, mudar de ramo, comprar caminhão e pôr esses meninos para trabalhar!'. Ele ouviu e fez isso.

Com o dinheiro que tinha guardado, comprou um terreno na zona urbana de Serrana e se mudou com a família. Os filhos, então, começaram a trilhar seus próprios caminhos.

- Algumas tias se mudaram para São Paulo, meu avô abriu a selaria e meus tios e meu pai compraram um caminhão e começaram a viajar e a investir em transportes.

Com a chegada rápida da cana-de-açúcar na região, eles perceberam mais uma oportunidade de investimento. Por volta de 1940, entraram no ramo canavieiro.

- Nessa época, a terra não valia nada. Só valia quando tinha madeira para cortar e fazer carvão para os trens da ferrovia. Então, eles começaram a comprar terra e a plantar cana, que é o que nós fazemos até hoje. Hoje, plantamos soja, milho, temos gado, mas nosso forte continua sendo a cana.

Uma história que se repetiu entre muitas famílias que partiram e chegaram, diz Tittoto.

- A história dos imigrantes é isso: os fazendeiros foram vendendo terra e eles cresceram, criaram engenho de açúcar, engenho de pinga, construtoras, fábricas metalúrgicas. Você pode ver pelos sobrenomes quantos são italianos!

Ricardo faleceu em 1972, aos 89 anos.

O pai de Toninho, Santo Tittoto, seguiu com os trabalhos na terra.

Casado com Alice Oliver Urenha, teve sete filhos, entre eles Toninho. Santo faleceu em 1975, quando Toninho tinha 24 anos e sua irmã mais nova estava com apenas sete.

Após o falecimento do pai, os irmãos passaram a conduzir os negócios - e a crescer.



Tittoto, quando menino, no grupo escolar.



Tittoto esteve em Cuba para estudar os processos cubanos de colheita.

Toninho, que já estava formado em engenharia mecânica, se juntou a eles.

- O lema da nossa família é trabalho, trabalho, trabalho, trabalho. Não há ninguém que liga para o futebol e para a política. É só trabalho.

Ele trabalhou com os irmãos por um tempo, mas na década de 80 abriu sua própria empresa de mecanização da colheita de cana .

- Havia uma crise de mão de obra muito grande. Aproveitando o vento a favor e a oportunidade de mercado, eu montei a empresa e estou até hoje. Também cultivo cana, soja e palha.

Pelo caminho, muitos desafios. Conta que, em 1994, a empresa enfrentou uma crise.

- Eu quebrei com o plano Collor. você não chega sem cicatriz não, viu?

Hoje, as três filhas trabalham com ele, seguindo o legado das gerações. No livro que escreveu sobre a sua história, as fotos com os netos pequenos no trator confirmam que a herança vai sendo compartilhada. Aos 12 anos, Toninho foi para o seminário, de onde saiu aos 16, com a certeza de que não seria padre, mas que trabalharia com as máquinas da terra.

- Eu sou filho de agricultor, sempre gostei de máquinas e me formei em engenharia mecânica, especialista em mecanização agrícola. Essa é minha paixão de criança e segue até hoje. Vou morrer amando trator e terra.

Uma casa de afetos

- A casa dos meus avós era o meu céu. Eu estou reportando detalhes de um ambiente construtor. Esse ambiente constrói o ser humano.

História por história, Toninho vai construindo um desenho.

Em 2023, publicou o livro “Mosaico de Aventuras - Minha história de 72 anos”, reunindo fotos, documentos e, principalmente, memórias.

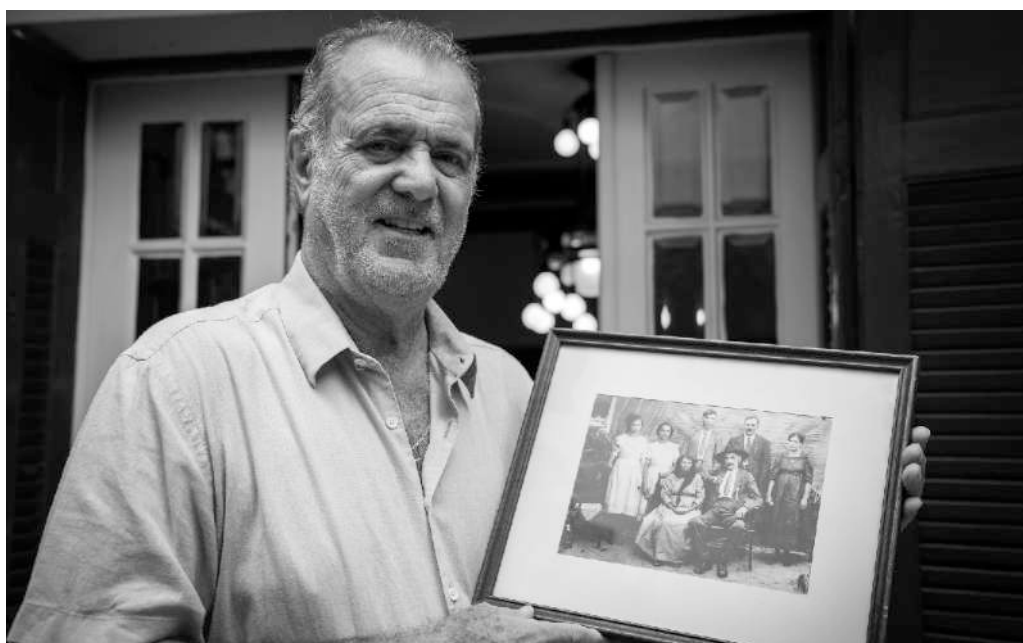
- É um monte de fragmentos que dão um mosaico bonito.

A parte mais colorida desse conjunto mora na casa dos avós Ricardo e Luiza, que ficava no centro de Serrana, a duas quadras da igreja.

- O meu avô comprou um terreno muito grande. Já havia uma casa, ele construiu mais duas. Era o reduto dos Tittoto. Tudo acontecia no quintal da vó.

O pequeno Toninho corria para a casa dos avós onde, cercado de carinho, fabricou suas melhores memórias, embora suas idas diárias para aquele reduto fossem a fuga de uma relação familiar dolorosa com a mãe.

- Lá era meu refúgio. Tinha meu avô, minha avó, a tia Antônia, que ficou viúva cedo e foi morar com o vô, a tia Nena, o Zé Romero, o Osvaldo e o Pedro. Meu avô tinha a selaria e lá também havia a garagem dos caminhões. Era um movimento... eu sou apaixonado



Há décadas, Tittoto busca informações sobre suas origens familiares.

por máquinas até hoje.

São muitas as lembranças boas: as massas que faziam parte da mesa todos os dias, as linguças caseiras penduradas para secar, a alegria dos tios tocando e cantando, a horta e as habilidades manuais, que Toninho aprendeu com o avô.

- O meu avô comprava o couro do matadouro. Ele esticava em um quadro de madeira para o couro secar. Depois jogava cal, cinzas e raspava o couro para ficar maleável. Então, ele preparava a matéria-prima para trabalhar o couro na selaria. Ele me punha sentado na selaria e me dava as coisas para fazer. Eu aprendi a trançar quando criança.

Nessa oficina, o avô fazia de tudo: dos materiais usados na fazenda até colchão e caixão, para as pessoas que não tinham condições de comprar. Selaria do Ricardo, sem placa ou nome empresarial, com o melhor marketing da época: a indicação de clientes, que se tornavam logo amigos.

Depois do almoço, o vô Ricardo cortava os cabelos dos meninos.

- Você já ouviu falar em rebolo? É uma pedra de afiação fina, para afiar facas e navalhas. Ele tinha o rebolo dele e ele afiava as navalhas para fazer a barba. Ele me ensinou a fazer a barba dele. Eu afiava as navalhas e ele ficava olhando e falava: 'Tá bom, agora vira'.

Às 15h, a avó chamava os netos para o café da tarde. Cortava uma fatia de pão caseiro, passava a nata do leite, salpicava o sal e, para acompanhar, uma caneca de café quente.

Não havia geladeira. Então, para armazenar as carnes, usavam a banha.

Aos domingos, na garagem dos caminhões, havia música. Um tio tocava acordeon, o outro violão e ainda participavam o clarinete e o pandeiro: uma festa completa! Enquanto a avó e as tias preparavam a massa, a animação corria solta.

- Esse ambiente constrói o ser humano.

Um futuro entre encontros

Toninho carregou pela vida a base que recebeu da família italiana, entre afetos e trabalho.

- Honradez, franqueza, sinceridade e muito empenho no trabalho.

Diz que, hoje, vive um momento de calma, colheita de um trabalho que atravessou mares e gerações.

- Eles prosperaram porque trouxeram no bojo da imigração o conhecimento que a Europa tinha. Eles sabiam fazer as coisas: a roda d'água, os moinhos de farinha, os engenhos. Construíram tudo de novo aqui.

TITTOTO

Entre o passado e o presente, soma à sua própria trajetória as heranças de dor, mas também alegrias, mesas fartas, luta.

Já perdeu as contas dos encontros entre os Tittoto na Itália e no Brasil.

A busca se tornou legado coletivo. Em 2008, cerca de 50 integrantes da família brasileira viajaram a Asolo para um encontro com descendentes espalhados por diferentes países, em um programa de reencontro instituído pela prefeitura de Asolo.

Em outubro de 2026, diz que irá novamente à cidade italiana, para reencontrar a sua família, que ficou tão grande.

O casarão onde os antepassados viviam - e que se transformou em hospital durante a Primeira Guerra Mundial - foi restaurado pelo primo Luigi e hoje é o ponto de encontro de quem vai e vem.

Mais uma vez, então, ele recorre à música. Tradução poética do que sente.

- *Sabe aquela música? 'Marcas do que se foi... como todo dia nasce, novo em cada amanhecer'. É isso, sabe?*

Naquele desvio de rota, lá em 1979, um laço que continuará atravessando gerações.

Na história da família Toniello, — Cláudia traz como legado — — a força das mulheres



- Quase todo mundo tem a curiosidade de saber de onde veio. É a sua origem. Saber de onde eu vim e contar para os meus filhos faz parte de mim.

Menina de engenho: essa é a definição da infância que, para Cláudia Toniello, 59 anos, foi feita de brincar no bagaço da cana, esconder-se na plantação e tomar o caldo moído na hora, sem complicações, da moenda mesmo.

Com 5 ou 6 anos, o pé enroscou e ela caiu na água de vinhaça. Para muitos, é preciso explicar que vinhaça é o que fica depois da cana destilada. Sai em temperaturas muito altas. Para Cláudia, sempre foi rotina. Tanto que carrega a cicatriz da queimadura desse dia, que a deixou um tempo com a perna enfaixada.

O bisavô, que veio da Itália, montou uma engenhoca, que produzia cachaça para venda: o primeiro passo na construção do que viria a se tornar uma das maiores usinas do país. Cláudia, quarta geração da família, acompanhou e viveu parte da história.

Conta que o avô tinha um alambique e a ensinou a vender cachaça na porta da

fazenda. Para não errar no troco, ele também lhe ensinou as primeiras contas de matemática.

Hoje, ela é a única mulher à frente da diretoria do Grupo Toniello e uma das poucas em um negócio majoritariamente administrado por homens.

- Há muito a se fazer, para contribuir dentro do grupo e fora dele, no sentido de mostrar a liderança das mulheres. Nós somos capazes de tudo.

A história do grupo é feita de muitos atores; ela faz questão de ressaltar. A família publicou um livro com a trajetória de Antônio Eduardo Toniello, pai de Cláudia. Começa na imigração italiana e se desdobra em núcleos empresariais com atuação que vai do agronegócio às construções imobiliárias, e abrangência nacional.

- As pessoas veem você e não veem a história. São 100 anos de muito trabalho.

O irmão, Antônio Filho, e os primos, Walter e Ricardo, dividem com ela a jornada. Assim como pai, Antônio, e o tio, José Pedro, que continuam participando dos negócios no Conselho do Grupo.

A presença de Cláudia, entretanto, marca um espaço de difícil ascensão e reverência uma força compartilhada entre gerações.

- Eu sou forte, resiliente, a filha mais velha. Então, tive que dar o exemplo com responsabilidade.

Ela conta das avós, que criaram tantos filhos, entre as tarefas de cuidar da casa e apoiar os negócios. E da mãe: a primeira e única prefeita mulher da cidade de Sertãozinho, região de Ribeirão Preto, onde a família viveu e construiu seus negócios.

- Nós não queremos competir. Queremos ser respeitadas. Eu li, em uma reportagem, que mulheres e homens terão igualdade de gênero, daqui a 150 anos, porque demora décadas para se mudar uma cultura. Eu vou fazer a minha parte.

Pequeno engenho foi o começo de um império

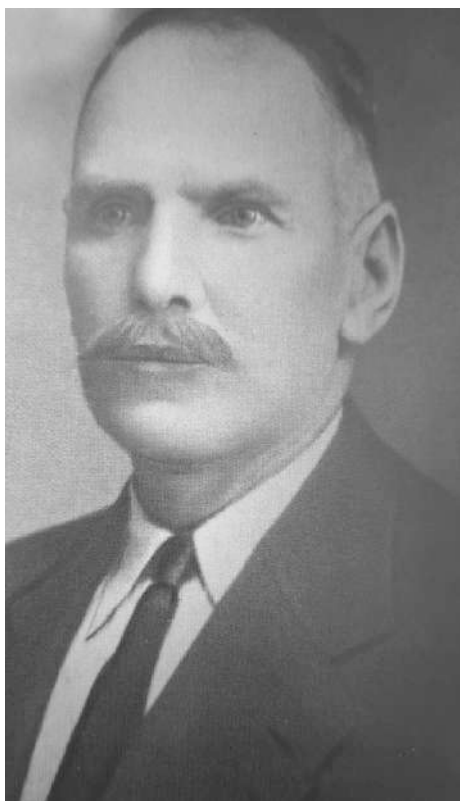
Cláudia diz que, para resgatar a história da família Toniello, precisou empreender uma busca por dados, pistas e vestígios. Conversou muito com o pai e as tias mais velhas que guardavam muitas memórias detalhadas.

- Eu quis contar a história da nossa família focando no meu pai. Ele sempre foi cooperativista, no sangue, e trouxe isso para o grupo, sabe?

Também entrevistou pessoas que estão há muito tempo na empresa e tinham muito a contar.

- São muitos funcionários, aqui, que ajudaram a construir essa história.

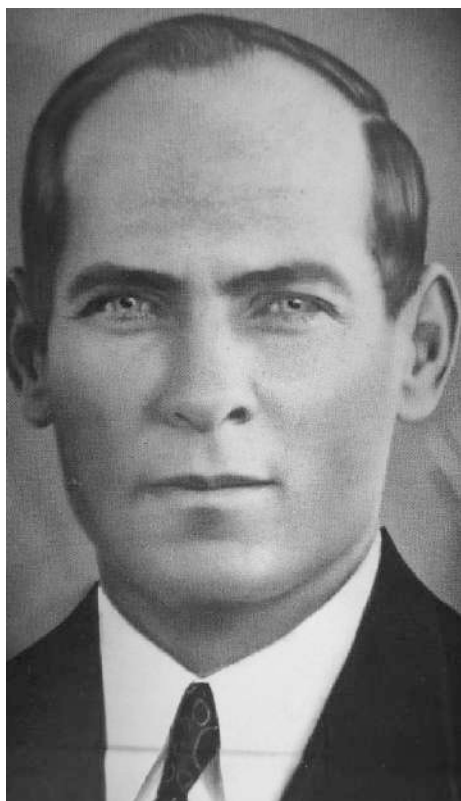
E teve o auxílio de uma jornalista, Carla Rossini, para organizar tantos relatos e dar forma ao livro, lançado em duas edições. A primeira, mais sucinta, em 2020, quando o



Aos 12 anos, Eugênio Toniello, órfão de pai e mãe, deixou a Itália de navio rumo ao Brasil.



Em 1896, Eugênio casou-se com Ana Bedogna, que trabalhou arduamente ao lado do companheiro para realizar o sonho de comprar suas próprias terras.



Eduardo Toniello e Amália Vanzela, avós de Cláudia, deixaram um importante legado.

pai completou 70 anos. A segunda, ainda mais aprofundada, em 2025, em comemoração aos 85 anos de Toninho, apelido de Antônio Eduardo, seu pai. A história registrada trouxe orgulho - e alívio. A memória está, assim, preservada.

- Eu sempre tive essa curiosidade. Acho que a gente tem que deixar alguma coisa para as próximas gerações. Porque a mesma curiosidade que eu tive, meus filhos, sobrinhos e netas vão ter.

Foi por volta de 1886. Aos 12 anos, Eugênio ToMielo, órfão de pai e mãe, deixou Schio, na província de Vicenza, região do Vêneto, com o irmão e os sobrinhos, em um navio. Já no porto de Santos, por equívocos da língua, a família passou a ser registrada como Toniello - e assim ficou pelas gerações seguintes.

Eugênio viveu em Leme e Jundiá, antes de se mudar para Sertãozinho, quando já estava no final da adolescência. A região era conhecida por oferecer oportunidades na lavoura e foi isso que ele veio buscar. O irmão, Luís Toniello, faleceu e ficou, com Eugênio, a responsabilidade de cuidar dos sobrinhos pequenos.

Ao chegar, trabalhou por um tempo no café. Em 1896, casou-se com Ana Bedogna, que trabalhou duro ao lado do companheiro para conquistar a sonhada compra da terra.

- Eles guardavam o dinheiro embaixo do colchão. Economizavam muito.

No Sítio Córrego das Pedras, que eles compraram depois de tanto esforço, começaram a plantar milho, arroz e a criar também vacas leiteiras. Ali, o bisavô de Cláudia montou o primeiro engenho da família e começou a produzir e comercializar cachaça.

No livro da família, está registrado, ainda, que esse engenho também foi usado para movimentar o moinho de fubá, a desnatadeira de leite e uma máquina de beneficiar arroz, que havia no sítio. Por isso, não demorou para que Eugênio construísse outro engenho, aumentando a produção.

Ana e Eugênio tiveram onze filhos, que ajudavam na lavoura e somaram esforços nos trabalhos. Eduardo Toniello, avô de Cláudia, foi um deles. Trabalhou com o pai desde pequeno e, assim como os irmãos, seguiu com os negócios.

Casado com Amália Vanzela, voltou a morar no Sítio Córrego das Pedras, onde viveram os onze filhos do casal, dentre eles, Antônio Eduardo, pai de Cláudia, que nasceu em 19 de outubro de 1940.

A rotina no sítio foi de muito trabalho na terra. Os filhos, assim, foram seguindo com os negócios da família - e multiplicando as conquistas. Os irmãos José Pedro, Waldemar, Renato e Toninho (apelido de Antônio Eduardo), construíram legados, em passos que, inicialmente, foram dados juntos.

- No começo, meu pai viajava muito para vender as pingas. Não existia celular. Eles

tinham que se comunicar por telefone, quando dava. Trabalharam muito!

Hoje, além da Usina Viralcool, uma das maiores do país, o grupo tem mais de 40 concessionárias de veículos; atua em consórcios, construções, grãos e gado, com braços que vão muito além de Sertãozinho e chegam a todo o Brasil.

- Não é só lucro. São cerca de oito mil funcionários. Imagine quantas famílias fazem parte disso. Há muita coisa envolvida!

Os filhos, quarta geração da grande família, assumiram a administração, sempre com a presença dos fundadores, que participam do Conselho dos negócios.

- A família merece ter essa história registrada. É uma história de muito trabalho, fé, resiliência e força. Também de muita religiosidade, sempre presente. Eles podiam ter parado por ali, mas decidiram continuar.

Memórias de afeto

As memórias de Cláudia vivem em outro lugar da história. Não estão em registros documentais. Feitas de afeto, não pode ser tocadas ou contabilizadas. Na narrativa, são carinho revisitado e guardado.

- Meu avô foi uma pessoa diferenciada. Inteligente, econômico, não gastava um real à toa. Quando ele faleceu, encontramos uma caixa com notas promissórias vencidas de amigos que ele nunca cobrou. Você vê o tamanho do coração da pessoa...

Ela cresceu no Sítio Córrego das Pedras, onde seus pais viveram depois do casamento. Toninho e Maria Neli Mussa Toniello casaram-se em 1965. Os seis filhos, assim como Cláudia, viveram uma infância livre, com os pés na terra e carinho do avô, que morou com eles por toda a vida. Eduardo faleceu aos 92 anos, quando Cláudia tinha 27.

Ela pôde construir memórias bonitas, com o avô, além dos muitos aprendizados.

- Ele me ensinou a dirigir, quando eu tinha 12 anos. Eu já dirigia por ali. Olha, ele tinha uma cabeça muito moderna, né? Porque eu não sei se eu ensinaria hoje um filho meu a dirigir com 12 anos. Acho que ele confiava em mim. A gente tinha uma relação de muita confiança.

Eduardo foi vereador na primeira legislatura da Câmara de Sertãozinho.

Entre tanto trabalho, havia também muita alegria para celebrar. Cláudia relembra que os churrascos no sítio contagiavam a família e também os funcionários.

- Tinha muita simplicidade e muita verdade. Todo mundo queria ajudar, crescer junto.

Quando as goiabadeiras ficavam cheias, colhiam as frutas e faziam geleias e goiabada. Suco fresquinho não podia faltar.

- No mês do milho, era uma festa! Reunia todo mundo. Tinha pamonha, curau, bolo.



Casamento de Antônio Eduardo e Maria Neli, pais de Cláudia.



Registro da infância de Cláudia, vivida no engenho da fazenda.



Registro da infância de Cláudia, vivida no engenho da fazenda.



Registro da infância de Cláudia, vivida no engenho da fazenda.



Registro histórico da loja de carroças do avô de Cláudia.

Matar um porco era outro evento. Começavam na sexta-feira e terminavam no domingo. Banha, *codeguim*, feijoada; tudo era aproveitado.

- Era tudo menos, mas mais, para a gente, no sentido de viver.

Ela cresceu, formou-se em Direito e chegou a advogar na área trabalhista. Casou-se e os dois filhos seguiram em áreas diferentes. Duas décadas atrás, decidiu retornar ao grupo para ajudar em algumas áreas e hoje está focada em recursos humanos, o RH.

- Eu lido com pessoas. Quem traz o resultado para o grupo são as pessoas.

Há cinco anos, está na governança, como única mulher em uma diretoria formada por outros três homens.

- Talvez, quando as coisas mudarem, e o mundo for mais igual para mulheres e homens, eu não esteja mais aqui. Mas vou deixar o resultado do que estou me propondo a fazer.

Coragem na bagagem, força como herança

Cláudia viu sua mãe, Maria Neli, cuidar dos seis filhos na fazenda e administrar a casa. Sempre em movimento, encontrava tempo e energia para fazer cursos de costura, inglês.

- Ela não parava! Estava sempre fazendo alguma coisa, com uma penca de filhos!

Quando as crianças estavam na escola, foi presidente da Associação de Pais e Mestres. Um prelúdio do que viria depois.

Treinando o time de hóquei de Sertãozinho, tornou-se ainda mais conhecida na cidade.

- O time chamava-se Ortovel Esporte Clube. Eram meninos que, na sua maioria, não tinham condições de jogar, porque é um esporte caro. Ela descobriu o talento desses meninos, montou esse time e foi competir em vários lugares.

Então, começou a vida política como vereadora, eleita pela primeira vez em 1992, e, em 1996, tornou-se prefeita.

- Naquela época, o machismo era ainda maior. Ela sempre foi uma inspiração para mim.

Na história das avós paternas e maternas, da família siria Mussa, Cláudia encontrou mais exemplos de força. Entre os trabalhos da casa e os cuidados com os filhos, elas apoiavam nos negócios e trabalhavam em outras funções, como a avó materna Concília, que tinha uma loja de tecidos.

- Eu era pequenininha. Tem uma foto em que estou sentada em cima do balcão da loja. E os tecidos ficavam à mostra, em armários de vidro.

Cláudia escreveu sua história entre todas essas heranças.



Cláudia Toniello ocupa o cargo de diretora de RH do grupo.

- Há quem diga que é sorte. Mas teve o trabalho de muitas pessoas envolvidas. Sinto-me muito privilegiada.

Quando estive na Itália, fiz questão de visitar a pequena Schio. Ali, vieram mais questionamentos do que respostas.

- Eu fiquei pensando como era a vida deles, o que pensavam. Passa um filme na cabeça... Era uma região muito desenvolvida, na época. Mas eles tiveram que fugir para não ir à guerra. O que leva uma pessoa a entrar em um navio sem saber o que vai encontrar? É muita coragem.

Coragem que ela também faz questão de levar, em sua bagagem de heranças. Diz que se sente realizada com a história que já escreveu até aqui, mas ainda há muito o que realizar. Quer que, daqui a algumas décadas, a filha e os netos possam viver em um cenário diferente.

- O Brasil é um dos países com as maiores taxas de feminicídio do mundo. Isso é absurdo! Muitas vezes, as mulheres sofrem violência apenas por se posicionarem.

Liderar como mulher, em um espaço feito por tantos homens, exige estratégia, porém. Ela tenta equilibrar o embate com a delicadeza. A prática com a intuição. Quando sente que não é escutada, pensa no amanhã.

Acredita que os avós, raízes da história de agora, estariam muito felizes com tudo o que a família Toniello conquistou. Então, segue escrevendo um novo legado.

- Não importa. Se eu conseguir mostrar que nós podemos estar em qualquer lugar para uma ou duas mulheres, se eu conseguir influenciar uma ou duas, que seja, eu cumpri meu papel. Estou feliz.

Da travessia de Eugênio à liderança de Cláudia, a história da família Toniello segue em movimento.

No sorvete de Geraldo, uma ——— história que atravessou oceanos



Escrevi a história do Geraldo, pela primeira vez, em 2017, no portal *História do Dia*. O título do perfil foi: *Geraldo: Meio Século de Sorvete e de Gentileza*. O site saiu do ar, tamanho o número de acessos no mesmo dia. Milhares de leitores, que conheciam o famoso sorvete do Geraldo, mas, até então, desconheciam a trajetória que o havia levado a abrir as portas de uma sorveteria em Ribeirão Preto.

Como autora, atendo-me à história do outro. Para falar do Geraldo, entretanto, preciso também contar que o conheci ali, quando iniciava meu percurso como escritora de histórias de vida. Entrei em sua sorveteria, ainda sem um site no ar para mostrar de vitrine. Ainda assim, fui recebida com sorvete, claro. E com o privilégio de ouvi-lo contando sua trajetória de vida. As falas do Geraldo, reproduzidas neste texto, foram coletadas em 2017.

Seis meses após a publicação da sua história no portal, Geraldo faleceu. A falta é sempre sentida. Mas também o alívio por ter registrado a trajetória que conto novamente aqui. Mas, agora, com novos capítulos e retratos. As raízes da família italiana unem-se ao relato de Renato Caramori, que hoje faz a história do tradicional sorvete prosseguir.

Nota da autora

No sorvete do Geraldo, uma história que atravessou oceanos

Foi assim, sem sobreavisos, como quase tudo na vida. Renato, advogado, e também atuando na área de seguros, construção e negócios imobiliários, de um dia para o outro, tinha duas sorveterias para administrar. E esse não era seu maior desafio.

- *O pagamento dos funcionários tinha que ser feito naquela semana. Tive que continuar. Eu nem consegui viver o luto...*

Havia algo além. Não se tratava de duas sorveterias e só. E, sim, de um dos espaços mais tradicionais de Ribeirão Preto, conhecido e querido por muita gente.

- *Se eu parar agora, vou me sentir incompleto.*

O pensamento o acompanha desde então.

Renato Caramori, 61 anos, filho de Geraldo Caramori, o Geraldo da sorveteria, decidiu seguir com o patrimônio do pai por razões que, até então, iam além dos negócios e do que eles traziam de lucro. O pai faleceu em agosto de 2017, por um infarto, que não avisa para chegar.

- *Ali, tem a história da minha família e de muitas pessoas. Eu quero que a sorveteria continue por nós e pela cidade.*

A sorveteria do Geraldo, que abriu as portas lá em 1966, é parte da história de Ribeirão Preto. Difícil encontrar quem nunca tenha provado o sorvete artesanal, localizado na mesma esquina da Avenida da Saudade há décadas.

Talvez o que pouca gente saiba é que essa história de iguaria italiana tem suas raízes fincadas lá na Itália – ainda que esse entrelaçamento não tenha sido intencional.

Os avós de Geraldo imigraram para o interior de São Paulo, onde trilharam seus caminhos de pés fincados na terra.

Muitas décadas depois, as máquinas que começaram a fazer o sorvete tão conhecido também cruzaram o oceano para chegar das fábricas italianas até Ribeirão Preto.

A receita, entretanto, ganhou a personalidade do empreendedor, misturando o gelato com as influências norte-americanas e o ingrediente principal: um jeito “todo Geraldo” de fazer sorvete.

Renato tenta parar o tempo. Manteve as receitas do pai: a base do sorvete é água e leite. O sabor vem com compotas de doces em caldas, preparadas lá na sorveteria, sempre com produtos frescos. A caixa registradora, que Geraldo usou até 2017, precisou ser aposentada. No entanto, ninguém saberia manejar o “moderno” equipamento com tanta precisão. O principal continua preservado.

- *Eu quero que a sorveteria siga, para além de mim. Para as próximas gerações...*

Bom apetite ou godere! (como pede o italiano!)

Caramori, Rigoni e Bragagnolo: heranças italianas

A foto, já gasta pelos muitos anos, mostra os pais rodeados por filhos e sobrinhos. Geraldo é um dos meninos. O campo é o cenário. Eles usavam chapéus para proteger a face do sol. Para Renato, o retrato simboliza muito do que foi a família, por muito tempo: pés na terra, trabalho no campo.

- Eu vejo meu pai como um sobrevivente, como muitos. Foi uma vida de sobrevivência e também virtuosa, de trabalho e honestidade.

As informações do passado vão sendo costuradas, como retalhos. Renato busca um vestígio aqui, outro dado ali. Certidões que registraram nascimentos, casamentos e óbitos ajudam a entender um pouco mais e a narrar essa parte da história. As raízes italianas dividem-se em dois caminhos que, mais tarde, se encontrariam no interior paulista.

- Eles não tinham vontade de relembrar o passado, porque foi duro, árduo.

Pelo lado paterno, vieram os Caramori, originários de Rovigo, no Vêneto. Pelo lado materno, os Rigoni e os Bragagnolo, ligados à região de Pádua, também no norte da Itália.

Caramori

Filiberto Silvano Caramori, bisavô de Renato, nasceu em 1878, na comuna de Castelnuovo Bariano, província de Rovigo, conforme as certidões originais que a família conseguiu coletar. Era filho de Napoleone Caramori e Filomena Giusberti.

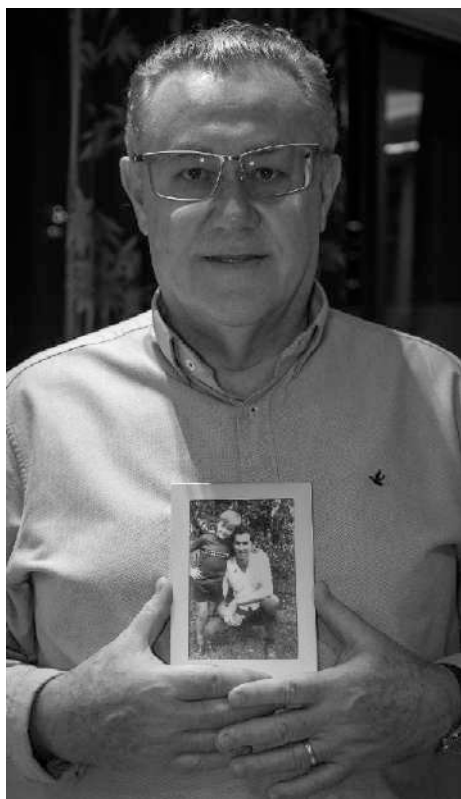
A chegada ao Brasil ocorreu antes de 1899, já que, em 1º de abril daquele ano, aos 20 anos de idade, ele se casou com Adelaide Ferrari, em Franca, onde a família fez morada. Adelaide também era imigrante italiana, natural de Sanguinetto, província de Verona, filha de Giacomo Ferrari e Virginia Trevizani. Quando se casaram, Adelaide tinha 21 anos e também morava em Franca.

Da união, nasceram nove filhos, entre eles, o avô de Renato e pai de Geraldo, José Aldino Caramori, em 11 de setembro de 1899, na Fazenda Belorisonte, em São José da Bela Vista. Nasceu, cresceu e viveu do campo.

- Os Caramori têm a tradição de serem pessoas muito boas, ligadas à terra.

Observando as fotos da família e relembrando as histórias contadas por seus pais e avós, Renato acredita que o sustento vinha com a plantação de legumes e hortaliças.

Adelaide faleceu em 1933, aos 55 anos, e o bisavô Silvano faleceu em 1938, aos 59 anos, em uma queda causada por um choque elétrico na fazenda onde viviam naquele ano, o Sítio Palmital, em São José da Bela Vista.



Renato Caramori deu continuidade ao trabalho do pai nas tradicionais sorveterias de Ribeirão Preto



Renato Caramori com a esposa e o filho.

Em 21 de abril de 1923, aos 23 anos, José Aldino casou-se com Amelia Suavinho da Silva. Ela com 22 anos, era filha de Serafim Francisco Suavinho, de origem portuguesa, e de Maria José Dorda Diniz, brasileira. Os dois viviam em São José da Bela Vista, mas, quando Geraldo nasceu, em 5 de outubro de 1937, o caçula de nove filhos, já haviam se mudado para Franca.

- Eles foram desbravadores do sertão. Era um trabalho muito duro...

Rigoni e Bragagnolo

O braço materno da família deixou a Itália fugindo da guerra.

- Meu bisavô Bragagnolo ficou oito anos lutando no front.

Chegaram a retornar, após a primeira vinda ao Brasil, por não se adaptarem às condições encontradas por aqui. Mas, depois, voltaram ao Brasil, de onde não saíram mais. A família não tem as datas dessas idas e vindas.

Os bisavós Antonio Bragagnolo e Luigia Lolo casaram-se na comuna de Loreggia, província de Pádova, no dia 25 de abril de 1914.

A avó de Renato, Elisa Pasqua Bragagnolo, nasceu em Rustega, província de Pádova, no dia 2 de abril de 1920. Ele diz que, entre as idas e vindas para o Brasil, na segunda e definitiva vez em que vieram, ela estava grávida de Neide Rigoni, que nasceu em 10 de julho de 1939, em São José da Bela Vista, filha de Étore Rigoni e de Elisa, que tinha 19 anos.

Neide e Geraldo conheceram-se ainda crianças. As famílias moravam em sítios próximos, dividindo trajetos e festas na comunidade.

- Meu pai era encantado com a minha mãe, desde criança, e ela também tinha esse encantamento por ele.

Casaram-se em 27 de maio de 1961, em Franca. O primeiro filho, Carlos Antônio, nasceu por lá, em 1962. Renato nasceu em Ribeirão Preto, em 1964, cidade escolhida pelo pai para tentar mudar os rumos da vida.

Das batatas ao sorvete

Renato conta que o avô Aldino viu uma vaga de emprego para Geraldo, em Ribeirão Preto. Aldino vinha à cidade com frequência, para tratamentos médicos. E pensou que poderia ser uma boa possibilidade para o filho, que seguia com os trabalhos na terra, enfrentando grande perda.

Geraldo, criado na fazenda, começou a trabalhar aos 9 anos e contou que, todos os dias, andava 16 quilômetros para estudar.



Os irmãos Renato e Carlos em uma fazenda, em Brodowski.



Geraldo Caramori quando tinha por volta de 20 anos.



Geraldo e o filho Carlos na Praça Carlos Gomes, em foto lambe-lambe registrada por volta de 1970.



Geraldo entre parceiros e amigos, em sua primeira sorveteria, por volta de 1966.



Os irmãos Renato e Carlos, em 1969, em uma loja de fotografia de Ribeirão Preto.



Casamento de Geraldo e Neide, em 1961.

- Para o garoto da fazenda, terminar o grupo escolar era uma felicidade. Uma formatura!

Formado no Ensino Médio, casado com Neide, continuou o trabalho por ali. Pensava que seria assim. Até a geada chegar, como contou.

- Batata dá lucro rápido, mas prejuízo também.

Perdeu mil sacas e não tinha como recomeçar. No início da década de 1960, então, pegou a mala e partiu com a esposa e um filho pequeno para Ribeirão Preto, sem saber muito bem o que iria encontrar.

A primeira oportunidade de emprego, aquela identificada por Aldino, foi em uma sorveteria, onde fazia de tudo. Os dois filhos já demandavam muitos cuidados e recursos financeiros. O salário pouco já não bastava. Tentou negociar um aumento, mas a resposta não foi positiva. Não deu para continuar. Pediu demissão.

Mais uma vez, não sabia o que iria encontrar, como relatou.

- Eu não tinha ideia, mas foi a melhor coisa que me aconteceu.

Decidiu abrir a sua própria sorveteria, em 1966.

Sem um tostão no bolso, o jeito foi pedir dinheiro emprestado. “Você tá louco?”, foi a resposta do sogro, Êtore. Mas Geraldo estava determinado: “O senhor vai emprestar ou não?”. Conseguiu o equivalente aos R\$ 5 mil, que precisava para começar.

Renato conta que, logo depois, os avós deixaram São José da Bela Vista e também se mudaram para Ribeirão Preto, para estar perto e ajudar no que fosse preciso.

A compra do maquinário foi no fiado. Em Ribeirão, ninguém quis vender. Geraldo arrumou um crédito fora, com 10 meses de prazo para pagar.

O aviso de que ali na General Osório, número 71, Centro de Ribeirão Preto, seria uma sorveteria, foi todo improvisado, como contou Geraldo.

- Escrevi numa tábua e coloquei lá. Não tinha dinheiro nem para a placa. O povo passava e achava até ruim!

No primeiro dia de portas abertas, deu sorvete para toda a freguesia. Não cobrou um só copinho. No segundo dia, já tinha fila na porta. Fila que dobrava – e que continua até hoje.

No início da década de 1970, abriu mais uma unidade, no Centro, no cruzamento da Rua Barão do Amazonas com a São Sebastião, área muito movimentada, como conta Renato.

- Foi o auge! Ela era bem espaçosa. Em frente, ficava o Pernil de Ouro, muito frequentado! Do outro lado, tinha um restaurante. Essa casa ficou uns bons anos lá. Eu me lembro muito, porque eu gostava mais do que da unidade na General. Era aquela coisa de ver as mesas lotadas, a rua cheia, porque a Barão era um fervor de carros e de pessoas caminhando.

Manteve a unidade da General Osório até o início da década de 1980, quando decidiu centralizar tudo no ponto tradicional, na Avenida da Saudade, Campos Elíseos, inaugurada em 15 de agosto de 1975.

Quando comemorou 30 anos, estampou reportagem do jornal Gazeta de Ribeirão. Depois, em 2017, decidiu abrir uma nova unidade, no Jardim Independência. As duas seguem operando.

Geraldo pagou o fiado do maquinário em cinco meses, antes do vencimento. E não precisou mais de batata, fiado, empréstimo, ou outros problemas.

Quando chegou nessa parte da história, ele parou de falar e disse, todo emocionado:

- Eu tenho para mim que tem alguém me ajudando. Uma força superior. Você acha que não?

Centro de Ribeirão foi quintal do menino Renato

O menino Renato acomodava-se no banquinho da bicicleta e, enquanto o pai pedalava, chupava um picolé colorido com gosto de açúcar. O destino era a rádio PRA7, uma das mais tradicionais de Ribeirão Preto, na década de 1970, que se tornou conhecida em todo o estado. O filho gostava de assistir aos programas de auditório, conhecidos por trazer à cidade personalidades da época. Geraldo encontrava um tempinho na rotina para levá-lo.

- São tantas e tantas coisas simples que estão nas lembranças...

Na infância, liberdade e espaço.

- Era pé no chão, fazendo bagunça. Meu pai me deixava escolher... A gente ia no rancho, no tempo em que o Rio Pardo não era poluído. Eu andava quilômetros, pescava sozinho...

Na convivência com os avós, mesas sempre fartas e casas cheias. Os pais também seguiram com a tradição da cozinha e Renato cresceu vendo os pais cozinharem.

- Eles cozinham muito!

Pegou o gosto e também apreciava cozinhar. De acordo com os elogios da esposa, puxou o bom tempero da família.

Como os avós maternos, também se mudaram para Ribeirão Preto, e somou boas memórias, com Elisa e Étore.

- Minha avó era muito amorosa! Acolhia todo mundo.

Com o avô, Renato compartilhava boas conversas, sentados no sofá.

- Eu era menino, tinha uns 10 anos. Ele gostava de andar pela cidade. Lembro-me também dos abraços dele.

São muitas - e boas - as memórias do Centro de Ribeirão Preto. Renato cresceu entre



Geraldo e o acordeão, por volta de 1958.



Neide Rigoni Caramori, em 1959: o amor de Geraldo por toda a vida.



Geraldo e o filho Renato na Praça Carlos Gomes, em foto lambe-lambe registrada por volta de 1970.



Geraldo em sua primeira sorveteria, em 1966. Imagem recuperada com o uso de Inteligência Artificial.

o vai e vem movimentado, que era o quintal das sorveterias. Viu lojas abrirem, outras fecharem. Os carnavais de rua animados que passavam pelo calçadão.

Bar do Chico, loja da Olivetti, Hotel Modelo, loja de presentes finos Princesa, bares japoneses, tecidos libaneses: lembra-se com nitidez - e nostalgia - do comércio efervescente da época.

Frequentava também o Mercado Municipal e recorda-se do grande açougue Oranges e da loja do Massaro, onde ia para admirar os peixes e replicar em casa, como aquarista.

- Eu tinha 10, 11 anos e já tinha meus aquários.

Passeava pela Praça XV como se fosse dono da maior das varandas.

- Eu fico me imaginando uma criança, andando ali. Enxergava tudo aquilo grande, majestoso. O passar do tempo, naquela época, era diferente. Hoje o dia logo termina...

Estudou na escola Fábio Barreto e se lembra de, terminada a aula, correr para a sorveteria.

- Eu tomava bastante sorvete. Antes do almoço e depois.

O Natal, na região central, era mais iluminado.

- Era brilhante! Eu andava muito por ali!

Passava os dias na sorveteria, mas o pai separava as coisas.

- Ele dizia que o trabalho era muito árduo e extremamente difícil.

Então, assim como o irmão, Renato pôde decidir o caminho que iria trilhar. O irmão, Carlos Antônio Caramori, foi para Medicina e ele fez Direito.

Casou-se e teve um filho, que está com 21 anos: a história replicando-se entre gerações.

O legado permanece

Todos os dias, Geraldo era quem escolhia as frutas que virariam sorvete. Aos 79 anos, chegava na sorveteria entre 5h e 6h e só saía à noite. Fazia por gostar muito. Participava da produção, atendia quem chegava, com simpatia e gentileza.

- Você sabe: hoje é o meu primeiro dia de trabalho! - Ele dizia, e explicava:

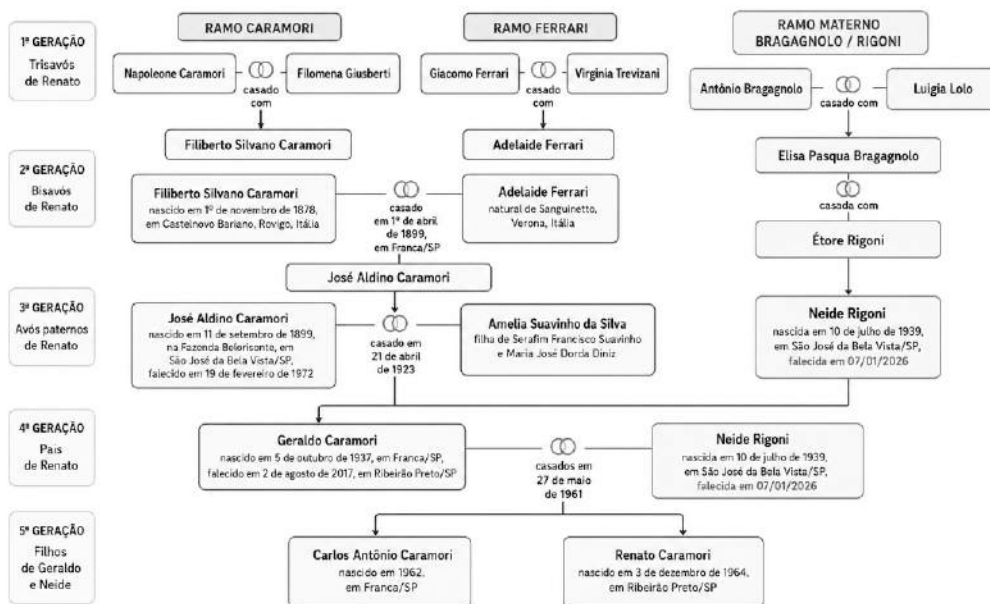
- Para mim, todo dia é o primeiro. Todo dia a gente tem que aprender alguma coisa nova!

Em meio século de sorvete, não havia modificado a essência, criada lá atrás. Sua receita era artesanal, em cada passo. A fervura do leite dava início ao processo, que não contava com emulsificantes, gordura vegetal hidrogenada, nem aditivos químicos.

Para Renato, manter essa forma de fazer é um inegociável desafio.

- Até hoje, nós temos a mesma receita.

ÁRVORE GENEALÓGICA – FAMÍLIA CARAMORI / RIGONI / BRAGAGNOLO



As máquinas são as mesmas há 50 anos. Formato que requer muita força física manual, entretanto. É preciso treinar funcionários e investir tempo da equipe nesse preparo.

- Olha, eu não conheço outros lugares que façam o sorvete dessa maneira...

Além da receita, Geraldo tinha outra base de negócios, como contou.

- O segredo, sabe qual é? Deixar o funcionário crescer junto com o patrão.

O funcionário que estava com ele desde o começo da jornada tornou-se sócio da sorveteria. Formato que Renato faz questão de manter.

- Meu pai sempre enxergou isso.

Algumas ideias de mudança foram surgindo - em cima das mesmas bases. Quem sabe uma nova unidade? O planejamento, no entanto, demanda energia em dobro. É preciso pensar em um formato que mantenha a receita original e o jeito artesanal de fazer sorvete.

- Esse era o jeito do meu pai. Não vamos mudar!

Não esconde. Quando o pai se foi, repentinamente, pensou em vender.

- De uma forma ou de outra, fomos seguindo... E acabei mais envolvido do que imaginava.

Algo falou mais forte. E permanece.

- Se eu parar agora, vou me sentir incompleto...

Entre tantos legados, há aquele que dá sentido ao prosseguir, como Renato diz.

- A conduta dos meus pais foi de amor. E a engrenagem do amor é fantástica. Te desvia das coisas ruins, te protege. O amor nos guiou até aqui, sabendo lidar com as coisas e viver...

Para Geraldo, afinal, as respostas eram simples, como domingo com sorvete.

- A vida é tão boa, não é?

Na arte de Ary vibram as ————— ————— raízes da família De Lázzari



A casinha simples, que foi o início de uma história. A massa para o cappelletti, de tão extensa, era aberta com um cabo de vassoura. A cozinha no fogão de lenha. Mãos que costuravam na máquina Singer. O trabalho de sol a sol, tijolo por tijolo. A delicadeza de esculpir os arabescos de um dos maiores teatros de ópera do Brasil.

Ary de Lázzari¹, artista reconhecido e premiado, transformou em pintura e esculturas as memórias da família italiana. Entre a simplicidade e a força, pintou com afeto a mãe, o pai, tios e irmãos em pequenas rotinas, que hoje se tornaram tradição e saudade para dezenas de primos e sobrinhos.

- Eu já falei muito sobre a minha história. Agora, quero falar sobre os meus pais. Esse é o foco.

Ele fez questão de enfatizar e repetir durante a entrevista a este livro.

O artista que estampou jornais, esteve em programas televisivos e lotou exposições com suas esculturas minúsculas feitas em giz, grafite e delicadeza, reverencia suas raízes, tão presentes em cada criação.

¹ A grafia do sobrenome De Lázzari aparece de maneiras diferentes no texto porque, a partir do registro dos filhos em cartórios no Brasil, a forma original grafada em italiano - De Lázzari - foi se transformando em de Lázzari, a partir da escrita brasileira.

Em Ribeirão Preto, na casa de Ary, 92 anos, e Maria Borges de Lázari, 84, sua esposa e grande companheira, três sobrinhas se reuniram para narrar lembranças a este livro. Luiza Inês, filha de Elydio, que foi o irmão mais velho de Ary, esteve presente para relembrar as memórias, junto a Dora e Neia, filhas da irmã Antonieta.

A mesa estava farta de quitutes e a conversa fluiu em alto som.

Naquela noite, as memórias saltitavam. Quase dava para sentir o cheiro do pão de Ignez assando no forno e ouvir o barulho alegre da família tomando vinho enquanto enrolava cada capelletti para o Natal.

Havia muito a dizer. Cada uma das três sobrinhas presentes guarda uma coleção de histórias que começam nos avós e desaguam em seus netos.

Ary é o penúltimo filho de Fernando De Lázari e Ignez Guidetti De Lázari, avós de Neia, Dora e Luiza. O casal teve 12 filhos, mas os dois mais velhos faleceram.

O coque de Ignez que, quando solto, revelava o cabelo enorme, quase chegando lá embaixo. Ela só desenrolava o penteado para lavar as madeixas no tanque. Mal sabia que a rotina tão trivial encantava a pequena Neia, atenta a cada movimento da matriarca.

O avô Fernando gostava de colar o ouvido no radinho de pilha para escutar as notícias e sempre tinha nos bolsos uma bala Chita de embalagem amarela para entregar às netas, que guardaram essa entre suas melhores lembranças. Quando ele saía da cadeira de balanço, Luiza corria e se sentava para tentar imitar o seu movimento.

Algumas narrativas são exclusivas de Ary que, aos 92 anos, era o tio mais velho presente na entrevista. Outras foram compartilhadas e até construídas em conjunto.

- Nossa, tio! Eu lembro que meu pai contava disso!

Uma sobrinha complementava.

- Na minha casa tem aquela cadeira que o tio Ary desenhou e o tio Arnaldo fez. Era uma cadeira escada.

- Ah, na minha também tem!

Então, as outras também compartilhavam.

Não foi a primeira vez que a família se encontrou para relembrar as memórias. Para registrar essa história, já escreveram dois livros, um de receitas e outro sobre a trajetória da tia Dina, uma das irmãs de Ary. Além disso, vários sobrinhos têm cidadania italiana e, assim como Néia, já estiveram na Itália buscando reencontrar suas raízes.

Eu tenho orgulho pelos valores que recebi: solidariedade, honestidade com letras maiúsculas, senso de cooperação e uma grandiosidade nas atitudes. Isso tudo eu recebi da minha família.

São as palavras de Néia.

Força de pai e mãe

Fernando não costumava falar sobre a história de seus pais. Ary conta que ele não gostava nem mesmo que Ignez falasse em italiano com os filhos.

- Meu pai, por alguma razão, não queria levantar a bandeira italiana. Ele entendeu o Brasil como a nova pátria dele.

As raízes estiveram sempre pulsando, entretanto. As netas enumeram as marcas da origem italiana na rotina da família: receitas, jeito de falar e de demonstrar carinho, as formas de festejar.

- Quanto eu estive na Itália, lembrei do quintal dos meus avós. Tinha uva, passarinhos, horta, flores misturadas ao canteiro de verduras. Eu me senti em casa! Nós fomos atrás da nossa história.

Conta Neia.

Ignez nasceu em Luzzara, em 26 de maio de 1894. Chegou ao Brasil de vapor ainda pequenina, com 3 ou 4 anos, junto aos pais Attilio e Ercília.

Quando ela chegou, Luigi e Antônia, pais de Fernando, já estavam por aqui. Vieram também do norte da Itália, de Casale Sul Sile, com os quatro filhos mais velhos. Fernando, pai de Ary, nasceu no Brasil, em 17 de dezembro de 1889.

Caçula de cinco irmãos - Natale, Michele, Carlota, Teresa e Fernando -, ganhou o apelido de Nino, como foi chamado por toda a vida. Se tornou “Senhor Nino”, quando mais velho.

Quando chegaram, Luigi e Antônia foram morar em uma fazenda chamada Guataparã, onde Fernando nasceu. Depois, se mudaram para a área urbana de Ribeirão Preto, em terreno que era morada, mas também espaço para plantar hortaliças.

Já a família de Ignez trabalhou na área de alimentação: açougue, padaria e peixaria. Não se sabe ao certo como Ignez e Fernando se conheceram. Mas Ary tem uma suspeita:

- Ela morava na Vila Tibério e meu pai fazia a fachada das casas, profissão que era chamada de frentista de casa naquela época. Eu acho que eles se conheceram assim.

Ignez não sabia ler e escrever. Ainda assim, os apaixonados buscaram um calígrafo para trocar cartas, guardadas como relíquia pela família.

- Ele se declarou, mas a minha avó respondeu dizendo que ela era mulher para casamento. Daí você já imagina como ela era brava!

Conta Dora, entre risos.

Se casaram em 7 de junho de 1913, ela aos 20 anos e ele aos 24.

- Minha mãe era a filha mais velha e a primeira que se casou. Como meu avô já tinha falecido, meu pai assumiu a responsabilidade pelas seis filhas, irmãs da minha mãe.



Ary de Lázari e a esposa Maria Borges de Lázari reunidos com as sobrinhas Néia, Dora e Luiza Inês para contar a história da família.



Ary somou prêmios, expôs suas obras por todo o Brasil, estampou jornais e recebeu elogios de nomes como a autora Cora Coralina.

Quando algum pretendente vinha se apresentar, ele era quem ia conhecer, conversar.

Os dois foram morar em parte do terreno doado pelo avô Luigi, nos Campos Elíseos. O endereço era na rua Monsenhor Siqueira, antigo número 37, que hoje é 690, conhecida como “Rua dos Italianos”, nas memórias de Ary. O terreno chegava até a beira do rio. Hoje, se tornou uma via conhecida e movimentada de Ribeirão Preto, a avenida Francisco Junqueira.

Nessa casa nasceram todos os filhos!

Conta Ary, que pintou as imagens da casinha ainda em seu começo, recriadas pelas narrativas que seus pais faziam.

Minha linguagem mais fácil é a pintura. Então, procurei reproduzir as imagens que ficaram gravadas.

A obra “Rua do Sapo”, de 2011, retrata o brejo que existia onde hoje é a rua Visconde do Rio Branco, no Centro da cidade.

- Quando chovia, os amigos brincavam: ‘Conseguiu dormir com os sapos?’. Por isso o nome dessa obra.

Fernando contava que capturava ali rãs e peixes, que serviam de comida à família. As taboas, plantas que habitavam o brejo, eram usadas pela mãe como enchimento para travesseiros.

Na primeira casinha, o pai contou que o fogão era improvisado com uma fogueira e uma corrente, usada para regular a altura da panela e mediar o fogo entre baixo e alto. A casa era de tijolos, com forro de pano, e rua de terra, como relembra Ary.

- Meu pai guardou essa corrente. Eu tenho até hoje! A corrente original. E eu acho que meu avô trouxe essa corrente da Itália.

Alguns anos depois, com a casa melhor estruturada e o crescimento da cidade, eles podiam avistar o teatro Carlos Gomes e as praças do Centro da varanda. Retratos que se transformaram em telas pintadas pelo artista.

Os filhos foram chegando em escadinha. Elydio, o primeiro, nasceu em novembro de 1915. Hercília, a última, em março de 1936.

- Meu pai e minha mãe sempre trabalhando, cuidando da família.

Nas memórias de Ary, a mãe Ignez aparece como uma mulher forte, que administrava a casa e as contas, mesmo sem saber ler e escrever.

- Na Gripe Espanhola, minha mãe estava lá, ajudando as pessoas que precisavam. Ela dizia que sabia se proteger e que precisava ajudar as pessoas.

Demonstrava seu afeto nos muitos e detalhados cuidados com os filhos.

- Eu comecei a filosofar sobre quem foi realmente a minha mãe... Uma mulher que ajudou meu pai a construir casas. Teve 12 filhos e, quando os dois primeiros faleceram, ela virou uma leoa e se tornou uma enfermeira para cuidar dos outros filhos. Ela usava



Ignez e Fernando: pais de Ary de Lázari.



Tia Margarida com Ignez e Fernando.



Junho de 1963: celebração das Bodas de Ouro de Ignez e Fernando.

muito a sabedoria. Ela poderia ter uma granja ou um restaurante, porque era ótima cozinheira. Fazia ternos na máquina de costura. Como ela lavava as roupas na mão, sabia se estava faltando um botão. Eu nunca usei uma camisa ou uma meia que tivesse um furo.

Enquanto ele fala, uma das sobrinhas complementa:

- Você lembra o ovinho que ela usava para remendar? Assim, dentro? Lembra? Eu lembro até hoje.

- Analisando isso tudo, eu coloquei a minha mãe na frente de outras três grandes mulheres que conheci. Cora Coralina, poetisa. Maria de Lourdes Jorge, grande professora. Sinhá Junqueira. Para mim, minha mãe, uma mulher que não pôde aprender a ler e escrever, vem na frente, por tudo isso que contei.

Os pais somavam forças nas muitas tarefas da numerosa família. Fernando trabalhava fazendo os arabescos das frentes de casas e prédios, mas também como pedreiro, construindo telhados e outras obras.

- Se alguém dissesse para o meu pai que estava com calor ele dizia: 'Você não sabe o que é o calor de trabalhar em cima de um telhado no sol'. Ele trabalhou muito, trabalho pesado.

Ary pintou uma série de quadros retratando o trabalho duro do pai, como operário. Força que contrastava com a delicadeza de esculpir arabescos, em cada minucioso detalhe.

Ele afirma que, além do Theatro Pedro II, o pai ajudou a adornar o Diederichsen e a igreja São Benedito, no Centro de Ribeirão Preto. Fazia os projetos das molduras em papel de cimento.

- Ele abria valas, fazia do alicerce ao acabamento. E eu levava as marmitas e olhava o trabalho dele. No meu trabalho, eu quis homenagear quem eu achava que merecia. A série que retrata o trabalho do meu pai tem nove telas.

No trabalho, a força e a dureza da construção. Em casa, a leitura como companhia. Fernando lia o jornal diariamente e também adorava livros e grandes romances. Quando a energia elétrica chegou, a única tomada que havia na casa era usada para ligar o seu radinho.

- Ele estava sempre bem informado. Por isso, era chamado para trabalhar nas casas de famílias tradicionais, que tinham bastante dinheiro.

Relembra Ary.

A mãe cuidava da casa e dos filhos, lavando, costurando, cozinhando sem parar, dia a dia.

- Ela tinha uma caixinha com várias divisórias. Tudo o que a gente recebia, dava para ela. Ela fazia o caixa da casa, dava mesada para cada um, pagava água, luz, tudo e ainda

tinha a última fileira com a reserva da família.

Quando Fernando chegava do trabalho na rua, os dois iam juntos construir casas para que os filhos, quando casados, pudessem morar no mesmo terreno onde moravam.

A casa tinha regras rígidas: às 23h, todos deveriam estar dormindo.

- Minha mãe contava que minha avó amassava por semana um saco de farinha daqueles grandes, de 50 quilos, para fazer macarrão, pães e bolos para os filhos. Imagine: 10 filhos! Eram em muitos!

Relembra uma das sobrinhas.

- A minha mãe contava que o vô usava uma travessa para comer. Não comia no prato, de tanto que comia bem.

Complementa outra.

O temperamento forte da avó, por muitas vezes chamada de brava pelos netos e netas, ficava mais adocicado quando o pão saía do forno e ela chamava a cada um para comer seu pedaço quentinho com azeite.

- Ela foi muito forte...

Quando Ary e Maria se casaram, em 1963, Fernando e Ignez comemoraram 50 anos de casamento. “Eu desejo a você, meu filho, que seja feliz como eu fui com sua mãe”, foram os votos. E ele seguiu cada letra.

Caminhos diferentes, união sempre

Os filhos cresceram unidos, compartilhando a força como exemplo de pai e mãe. Se dividiram em diferentes áreas. Cada um traçou um caminho singular.

Elydio, pai de Luiza Inês, o filho mais velho, fazia móveis e foi quem inspirou Ary a começar nas artes lá na infância.

- Ele foi um marceneiro dos bons! Teve uma oficina com o primo Natal e com um sócio, que entrou com o dinheiro. Mas, depois, esse sócio não quis mais continuar e queria passar a parte dele para o meu pai. Mas meu pai não pegava dinheiro emprestado de jeito nenhum. Para comprar qualquer coisa da casa, ele juntava o dinheiro antes, para não ter dívidas. Então, eles tiveram que encerrar, porque ele não tinha todo o valor para comprar. Isso foi a maior decepção da vida dele...

Na mesma época, Elydio recebeu uma proposta de trabalho na área de marcenaria, lá no Paraná. Mas o pai, Fernando, disse que o filho mais velho deveria ficar perto da família.

Abriram um bar, na avenida Francisco Junqueira, em frente à casa da família, para que Elydio administrasse.



Ary de Lázari retratou em suas obras as memórias da grande família italiana.

- Meu avô construiu uma casinha lá naquele terreno, a gente morava em uma casa mais do fundo, e, na frente, eles fizeram um salãozinho e abriram o bar. Foi o martírio da vida do meu pai. Com isso, ele se tornou bravo e frustrado. Ele era muito amoroso. Chorava por qualquer coisa e dava sempre um abraço gostoso na gente. Mas se sentiu muito frustrado. E ficou naquele bar por muitos e muitos anos, até se aposentar.

Com o trabalho, Elydio e a esposa sustentaram a grande família. Três filhas e um filho, que puderam estudar em bons colégios e escolher seus próprios caminhos. Nas lembranças da filha e primas, o bar também foi espaço de afetos e delícias.

- Minha mãe sempre esteve com ele. Ela fazia um pastel que ficou conhecido por muita gente! As pessoas paravam lá para comer o pastel e o croquete dela. Na quaresma, ela fazia a sardinha empanada! E eles serviam aquelas batidinhas de limão, que o povo tomava uma dosezinha na hora do almoço... Era uma delícia!

Muitas das receitas foram registradas no livro escrito pela família. Além dos ingredientes e modos de fazer, as primas escreveram lembranças de afeto com cada prato. Linda herança para as próximas gerações.

Nas férias, o bar conjugado à casa era a alegria de Néia e Dora. Como as duas moravam fora, nas visitas à família ficavam hospedadas na casa do tio Elydio.

- A nossa diversão era levar os pasteizinhos da cozinha para o bar, pela portinha. A gente adorava!

Elydio não abandonou completamente a paixão pelos móveis. Continuou fazendo pequenas encomendas para a família e adorava quando alguém pedia ajuda com algum reparo.

- Ele tinha um balcão com todas as ferramentas no quintal. Aí, minha mãe falava assim: 'Eu chamo para almoçar e ele não vem'. Ele ficava lá, fazendo as coisas.

Os filhos e netos de Néia e Dora usaram o cadeirão de madeira feito pelo tio quando elas nasceram, com o nome de cada uma grafado. E, na casa de Ary e Maria, são muitos os móveis feitos por Arnaldo, com a ajuda de Elydio. Entre as rotas desviadas, ele deixou seus legados.

- Sonhei com ele esses dias... me deu um abraço tão forte...

Nas memórias, Luiza vai amenizando a saudade do pai.

Luiz, o segundo na escadinha dos filhos, foi para área de contabilidade e nunca negava ajuda a quem precisasse de uma mãozinha com o imposto de renda. Domitília costurava para a família toda e também em uma loja famosa de vestidos de noiva em Ribeirão Preto. Atilio trabalhou na alfaiataria e, depois que saiu, montou uma loja de vendas de enxovais e confecções como um dos primeiros comerciantes dos Campos Eliseos.

Arnaldo também construía móveis de madeira de todo tipo. Ercília fazia crochê e enfeites de espuma queridos pelos sobrinhos.

Tia Dina não se casou e passou a vida cuidando dos pais, da casa, do irmão Arnaldo e dos sobrinhos todos. Trabalhou também na loja De Lázzari, do irmão Atílio. Trabalhou no comércio dos irmãos e, além disso, tinha uma mão sem igual para os bordados. Querida pela família, inspirou um livro organizado e escrito pelas sobrinhas, como comemoração ao centenário de seu nascimento, em novembro de 2024. Faleceu em julho de 2012, aos 87 anos. E continua presente nas memórias como aquela que agregava e reunia a família em celebração. Para comemorar seu aniversário e do irmão Arnaldo, ela fazia sanduiche com patê de mortadela (mais uma receita do livro) e não podia faltar o refrigerante de maçã.

Antonieta era quem fazia o bolo. A mãe de Dora e Néia começou a cozinhar aos nove anos, para ajudar a mãe na cozinha.

- Ela cozinhou a vida toda! Foi a cozinheira da família! Ensinou muito para a gente.

Contam as filhas.

Foi a única que se mudou de Ribeirão Preto. Casada com um inspetor do Banco do Brasil, as trocas de cidade eram constantes. Nas malas, levou as raízes mais bonitas da família.

- Minha mãe era muito apegada às tradições. Então, ela passou para os três filhos o italianismo da família.

É Néia quem diz.

Para demonstrar afeto, a mesa estava sempre farta.

- Ela não era amorosa. Mas mostrava a afetividade na comida. Ainda hoje eu vi um post na internet que dizia: O italiano não fala eu te amo, ele pergunta 'você já comeu?'. Minha mãe era assim.

Em dezembro, Antonieta fazia cappelletti para distribuir.

- Ela gostou de aprender o cappelletti, porque era o ponto chave do Natal. Então, não importava em qual cidade a gente morasse, no Natal, a gente vinha para Ribeirão.

Conta a filha. E continua relembando.

- Para fazer o cappelletti, era uma reunião familiar. Todo mundo ajudando, tomando vinho. Aquelas mesas improvisadas de tábua em cima de cavalete com uma toalha. Ela fazia um exagero. Daí, ela guardava cem cappelletti para fazer a sopa. E ia distribuindo um pouco para cada família.

Fazia também mini panetones, na latinha de manteiga aviação, e saía a presentear os conhecidos.

As mesmas mãos tão jeitosas com a cozinha aprenderam a bordar com a tia Dina e tomaram gosto. Cada sobrinho ou sobrinha que se casava, ganhava relíquias: bordados



Fernando com os filhos Arnaldo, Atilio, Ary, Luiz e Elydio.

da Antonieta e um quadro pintado por Ary.

Maria tem tantas peças bordadas pela cunhada que, no encontro da família, em 2024, levou alguns como prenda. Quer um prêmio mais bonito?

- Ela bordou até falecer aos 97 anos. E gostava de presentear com o tecido bordado, enquadrado, em moldura.

Conta a filha Néia. Então, Maria traz mais alguns exemplares que guarda com tanto carinho. Um deles, está em um quadro, exposto na parede, relembrando que o tempo passa, sim. Mas o carinho permanece.

- Minha família é tudo. Como eu fui quase caçula, aprendi com todos. Meus irmãos tiveram muita influência na minha vida.

Entre tantas delicadezas, Ary pôde colher inspiração.

Ary: legado nas artes

- O Elydio esculpia e fazia marcenaria. Ele não me deixava pegar os instrumentos dele, mas eu queria muito imitar o que ele fazia. Então, construí meu formão com uma vareta de guarda-chuva, aos nove anos.

A arte é parte da história de Ary, desde as primeiras lembranças. O irmão mais velho foi sua primeira inspiração.

Entre as memórias que compartilha, logo se vê que a trajetória desenhada está entrelaçada às raízes da família italiana, entre exemplos e impulso.

- Ele desenhava e eu ia no quarto dele e procurava reproduzir o que ele fazia. Um dia, ele me encontrou fazendo isso. Viu que eu não tinha nada. E me deu alguns lápis, umas coisas para que eu pudesse desenhar. Ele foi meu primeiro professor de desenho.

O artista teve apoio para seguir, desde os primeiros rabiscos. Tornou-se um artista conhecido e premiado por suas pinturas em tela e mini esculturas em giz e grafite. Retrata pessoas em milímetros, pequeninas e detalhadas, como só a delicadeza consegue produzir. Encontrou uma maneira sua de esculpir imagens na ponta de um lápis grafite ou de cor. No livro Minicriaturas, que traz fotos de grande parte de sua obra, ele explica que ser escultor exigia investimentos para a compra dos materiais e tempo. Então, utilizava os materiais que, como professor e funcionário público, tinha em mãos.

Conta também que, ainda menino, retirava argila de boa qualidade do brejo próximo à casa da família. Fazia bonecos e imagens de Cristo a pedido de clientes de um bar nas imediações, ganhando em troca balas e chicletes.

- Aos oito, nove anos, eu fazia os trabalhos do grupo escolar e os pais dos outros alunos começaram a questionar se eram mesmo feitos por mim, ou meu irmão, o Elydio. Eles foram reclamar na escola. Então, o diretor fez um concurso. A gente tinha que fazer

ali, na escola, o desenho. Naquela época, em todas as salas tinha um retrato de Getúlio Vargas. Eu fiz uma reprodução dele. Ganhei o concurso!

Na família, as mulheres podiam estudar até o terceiro ano primário e paravam para os afazeres domésticos, em uma triste tradição da época. Mas os homens podiam seguir com os estudos. Ary fez curso técnico e outro que capacitava para a sala de aula.

Quando a Escola de Belas Artes foi inaugurada, conquistou uma vaga. Tinha por volta dos 16 anos, como conta.

Foi dessa época, o grande incentivo do pai. Ary trabalhava em um escritório de advocacia e recebeu uma proposta para trabalhar na Fábrica da Antártica. Mas, para isso, teria que largar a escola de artes.

- Naquela época, era um dos melhores lugares para se trabalhar. Mas eu já ganhava prêmios com a arte. Meu pai lia as notícias e sabia o que eu estava realizando. Além disso, eu tenho a impressão de que ele não quis que eu trabalhasse em algo que levava um produto como o álcool para as pessoas. Ele me falou para não ir mais e seguir com a arte.

Ary seguiu. E trilhou grandes caminhos. Logo conquistou uma vaga na Secretaria Municipal de Agricultura e conta que, em 1955, atualizou o mapa da cidade, com desenho feito à mão. Ficou no funcionalismo público até 1982.

Estava 20 anos atrasado! Saiu meia página no jornal da Cidade com elogios ao que eu tinha feito.

Como professor, estive à frente da Escola de Belas Artes e deu aulas por mais de 40 anos, passando pela Escola Municipal de Belas Artes, pelo Serviço Nacional do Comércio (Senac), Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) e em escolas públicas da cidade.

Nas artes, cruzou fronteiras. Expôs por todo o Brasil, estampou jornais e recebeu elogios de nomes como Cora Coralina. Somou dezenas de prêmios e honrarias.

Anos depois da decisão do pai, encontrou o advogado que tinha lhe arrumado a vaga na cervejaria.

- Ele me disse: “Sabe que eu tô admirado? É o seguinte: você é filho de um operário. Sabe que o seu emprego era muito bom? Como pode o seu pai não o aceitar e preferir investir em estudo?”.

Ary emociona-se. Relembra das conversas com o pai, das broncas e também do dia em que ele lhe disse que era preciso pensar que toda ação tem começo, meio e fim, como consequência.

- O meu pai investiu nas informações que ele tinha a meu respeito. Ele sabia das coisas...

Há muito a dizer sobre a história de Ary. Há também muito já publicado em livros e

revistas sobre o artista, um dos grandes de Ribeirão Preto. Ele, então, repete:

- Nessa história, eu não quero falar de mim. Quero que seja sobre os meus pais.

Valores entre gerações

O acervo de Ary está guardado em uma sala da casa onde vive com Maria. São dezenas de telas e esculturas. A história da família está representada em cada traço.

Em um vídeo, Dora mostra uma reunião de família. Filhos e netos fazendo a massa e preparando cada cappelletti, finalizado com molho vermelho, tal qual a mãe Antonieta fazia.

Em 2024, a família, que já soma 196 integrantes, fez um grande encontro, celebrando o centenário da tia Dina, em memória. Não foi o primeiro. Já conta mais de 20 encontros dos primos, que acontecem com a frequência necessária para que os laços continuem firmes. São 18 primos e primas da primeira geração: base que mantém a família unida.

Quando a avó Ignez ficou com a saúde debilitada e foi proibida pelos médicos de tomar vinho, a família pingava um pouco de vinho tinto na soda limonada, tentando amenizar a falta. Ela confiava que era vinho e continuava molhando o pão, como sempre fizera. Mais uma das lembranças compartilhadas e guardadas pelas netas. Não tinha mais vinho, mas a avó estava ali, representando a tradição que costurou os laços da família.

- Nós tentamos manter esses valores para as próximas gerações. É a nossa história.

Após algumas horas de entrevista na casa de Ary e Maria, choveu forte e a energia caiu.

- Isso está parecendo o tempo em que a gente ficava conversando na varanda, à luz de velas, porque não tinha energia. - Ary disse, entre risadas largas.

Naquela noite, o passado esteve presente.

De Cajuru à Itália: a busca de Ray pelas origens da família Costanzo



“Meu irmão procura por você há décadas”: essa foi a resposta que veio do outro lado da linha, a 7,5 mil quilômetros de distância. Ray acabara de encontrar o paradeiro da irmã de seu bisavô, que migrou para os Estados Unidos da América (EUA), em 1905, e lá construiu uma grande família.

Naquele instante, confirmou, mais uma vez, que toda a busca empreendida por quase quatro décadas estava valendo a pena.

- Valeu! Como valeu! Eu tenho um dossiê da minha família. Nunca imaginei que nossa história pudesse ir tão longe.

Esteve nos EUA para visitar esse braço da família, que descobriu entre muitas pesquisas na internet. O reencontro dos Costanzo, após 120 anos, foi parar até nos jornais norte-americanos. Mais uma das muitas ações que empreendeu para atar os fios de sua história familiar.

Raymundo Aparecido Constâncio, 74 anos, chamado de Ray, desde os tempos em

que morou nos EUA, mandou 357 cartas para comunas da região da Calábria, na Itália, em busca de registros sobre seu bisavô. Não recebeu um único retorno positivo, e, mesmo assim, não cogitou desistir.

Peça a peça, levantou informações sobre a genealogia da família desde 1500, passando até pela inquisição de Guardia Piemontese, que ocorreu naquele século. Descobriu, em registros históricos, os nomes de três antepassados Costanzo na lista de vítimas degoladas naquele trágico evento.

Foi também a Desemboque, em Minas Gerais, para investigar os caminhos trilhados pelo tataravô Domênico. Para encontrar informações sobre o bisavô Michele, contratou uma pesquisadora profissional.

- Custou 600 euros e levou seis meses para alguém na Itália encontrar a data de nascimento dele. Mas achamos!

A busca pelas raízes demanda tempo, paciência e muita vontade: ele bem sabe. Colocou tudo isso na bagagem quatro décadas atrás, quando decidiu que era preciso reencontrar sua origem, revisitar as memórias de outras gerações. Assim, organizou a história peça por peça, como quem monta um bonito quebra-cabeça.

- Daqui eu saí, aqui eu cheguei. Eu sei de onde eu vim.

Algumas das respostas que começou a buscar, lá em 1983, só chegaram em 2020. A cidadania italiana foi conquistada em 2023. Mas, mesmo com o tão esperado registro em mãos, ele não parou de buscar.

- A gente reclama de tanta coisa... Eles vieram em um vapor, atravessaram o mar atrás de um novo horizonte, uma nova história... Eu me emociono de pensar nisso tudo.

O começo da busca

Ray nasceu em Cajuru, no sítio onde sua família sempre viveu com o trabalho na terra. Café e leite eram as principais produções. Deixou o interior para estudar Ciências da Computação, em São Paulo e, depois, em Campinas. Seu primeiro trabalho foi na International Business Machines (IBM), onde segue ainda hoje, após 50 anos de carreira e vínculo.

Conta que, em 1982, foi morar nos EUA, a pedido da empresa. Ficou lá por 12 anos. Sem saber, Ray morava em Endicott, no estado de Nova York, a apenas 160 quilômetros da cidade onde vivia o ramo norte-americano da família. Informação que chegou só décadas depois.

Nessa época, conheceu Joe Titti, um descendente de italianos que vivia nos EUA.

- Nós ficamos muito amigos e um dia ele me disse: “Você tem cidadania italiana?”. Eu comecei a pensar nisso.



Miguel e Amélia Constâncio, em Aparecida (SP), em 1954.



Raymundo Constâncio aos 4 anos de idade, em 1956.

COSTANZO

Iniciou conversando com tios e tias, para entender o início da história. Sem tanta tecnologia, porém, não conseguiu avançar muito. Só anos depois, com a internet aproximando continentes, começou a encontrar as respostas que buscava.

É preciso dizer, como ponto de partida, que a grafia italiana da família é Costanzo. Nos registros brasileiros, em razão de erros de grafia e comunicação, o sobrenome passou a ser escrito como Constâncio.

- É a mesma família! - Ele faz questão de ressaltar.

Quando começou, contava com dois documentos centrais: o registro de entrada de seu tataravô, Domênico Costanzo, na Casa do Imigrante, em 31 de dezembro de 1886 e um salvo-conduto de 1942, que trazia informações sobre seu bisavô, Michele Costanzo.

Foi o primeiro passo de muitos outros que vieram.

Juntando os dados e as peças da história, entendeu que Domênico saiu de Gênova, foi de vapor até Buenos Aires, e voltou para o Rio de Janeiro, onde desembarcou.

Sozinho, decidiu tentar a vida no Brasil e acabou em Desemboque, Minas Gerais.

- Ali não tinha café, só garimpo. Minha leitura é de que ele foi para o garimpo. Na certidão de óbito, consta que ele morreu de cólica. Ele tinha 40 e poucos anos, muito novo. Eu penso que deve ter acontecido uma briga, alguma coisa assim. Cólica é muito raro, né? Pode ser uma cólica de fígado, de diverticulite, de vesícula. A moral da história é que ele morreu ali e não se sabe mais nada sobre ele.

Domênico morreu em 1888, menos de dois anos após chegar ao Brasil.

- Ele morreu na praia. Atravessou o oceano, mas morreu na praia.

Os tios contaram que, quando Domênico deixou de enviar dinheiro para a família, na Itália, sua esposa determinou que um dos filhos viesse encontrar o paradeiro do pai.

Michele Costanzo chegou ao Brasil em agosto de 1894. Nas informações do salvo-conduto, ele teria 9 anos de idade.

Ray enviou centenas de cartas para as comunas da Calábria e, depois de incontáveis respostas negativas, estendeu a busca até a Sicília, onde acreditava estar a origem de seus avós.

- Eu chegava nos Correios e enviava um monte de cartas, de uma vez. Às vezes, alguém perguntava: mas por que tanta carta? Era difícil de explicar para o carteiro!

Descobriu depois, com a ajuda de um pesquisador profissional, que os dados colhidos entre conversas com os tios não batiam com a realidade. Seu bisavô, Michele Costanzo, nasceu na comuna de Guardia Piemontese, província de Cosenza, em 5 de maio de 1883, diferente do que constava nos documentos brasileiros. Assim, quando chegou ao Brasil ele teria 11 anos.

- Na minha leitura, como ele era ainda uma criança, entrou junto com uma família, e ficou meio clandestino, até se casar com a minha bisavó, em Altinópolis.

Ele conta que o primo Anthony visitou a casa onde o bisavô Michele e a tia-bisavó nasceram, na estrada de São Domênico, 44. Consta, em seus planos, também estar por lá, um dia.

- É uma casinha centenária, e ainda está em pé. Toda a família nasceu nela.

Ray conseguiu mapear que Michele passou por Batatais, Guardinha, perto de São Sebastião do Paraíso, até chegar a Altinópolis, já na região de Ribeirão Preto.

Nessa cidade, em novembro de 1902, casou-se com Amélia Cândido Garcia, que tinha 16 anos.

- Eu levantei o processo de casamento deles. Foi preciso fazer um documento especial com testemunhas, para que ela pudesse se casar.

Mais um pedacinho do quebra-cabeça estava montado. Depois de casados, ainda permaneceram em Altinópolis, até nascer o primogênito, Jeronymo, avô de Ray. Então, se mudaram para Cajuru, onde nasceram outros nove filhos. José Constâncio, seu pai, seguiu com a tradição da família, vivendo da terra, com o café que marcou a infância de Ray.

- Foi sempre isso: o café. Meu pai deixou de herança um pedaço dessa terra.

Suporte Rei: de Cajuru para o mundo

Entre os desdobramentos da trajetória iniciada por Domênico, décadas atrás, está também a história da Suporte Rei, empresa criada por Luiz Constâncio, tio de Ray. O sobrinho faz questão de destacar a trajetória dele, que ficou conhecido mundo afora.

Quem passa pela cidade de Cajuru logo avista a enorme fábrica Suporte Rei, às margens da rodovia SP 338, que produz peças para todo o território nacional e o mercado internacional, com exportação para mais de 75 países, em vários continentes.

Trajetória que começou no mesmo sítio onde cresceram todos os filhos do descendente italiano.

- O Luiz foi o mais novo novinho. Ele saiu de lá analfabeto e começou a trabalhar em uma oficina mecânica. Nessa oficina, ele conheceu minha tia Sebastiana, que era professora. Foi ela quem o ensinou a ler e a escrever.

Ray conta que, trabalhando no conserto de caminhões, o tio Luiz percebeu que havia uma peça que sempre precisava de reparos.

- É uma peça que vai no eixo de cardan do caminhão, para tocar a ignição, a transmissão. Essa peça ressecava muito, porque era um rolamento e, na época, com as estradas de terra e muita trepidação, estragava sempre. Meu tio pegou aquela peça e usou uma borracha na caixa, protegendo o rolamento. Durava muito mais!

Na década de 1960, Luiz patenteou a peça, que se tornou principal na sua indústria e



Raymundo Constâncio durante a passagem da Tocha Olímpica, em 1966.



Visita dos parentes americanos à indústria Suporte Rei, em Cajuru.

foi batizada de “Suporte Rei”.

- É o carro-chefe! Eles vendem para o mundo todo!

Ele faleceu em 1988, aos 63 anos, por complicações do diabetes. Os filhos ficaram à frente dos negócios.

- Eles são muito trabalhadores. Eu tenho uma admiração muito grande e uma relação muito forte com eles. Quando eu vim estudar na cidade, fiquei mais perto. A partir daí, eu tive uma outra infância. Ou seja, uma infância de cidade, que foi junto com eles. A gente brincava, brincava... Crescemos todos juntos!

Quando recebeu os primos dos EUA, que vieram retribuir a visita feita, Ray fez questão de levá-los ao Suporte Rei e de contar essa parte tão bonita da história da família.

Na foto, estão todos os primos, na fábrica: um dos resultados de uma trajetória que começou lá atrás, quando Domênico decidiu cruzar o oceano sem imaginar o que iria encontrar do outro lado.

A busca continua

- O maior achado de toda essa busca foi a Inocenza!

Ray descobriu a família norte-americana entre as pesquisas em plataformas de genealogia pela internet. Em uma delas, conheceu uma prima, que já havia avançado muito nas informações sobre as gerações Costanzo. Os dois somaram forças e conseguiram mais algumas peças no quebra-cabeça.

- Eu vi a história da Inocenza na plataforma e comecei a ler. Então, percebi que havia ali muitas coisas em comum com a história da minha família.

Quando Cathy atendeu ao telefone, lá em Watertown, nos EUA, Ray foi logo perguntando: “O que você é da Inocenza?”. Descobriu que estava falando com a bisneta de sua tia-bisavó. Quando se apresentou, soube, então, que era procurado pelos primos há muitos anos. Pegou o contato de um deles e passaram a estreitar os laços.

- Nós começamos a conversar, a trocar informações e confirmamos que éramos mesmo da mesma família.

Não demorou a marcarem o primeiro contato presencial. Em 2022, Ray foi aos EUA conhecer pessoalmente seus familiares. Fizeram um encontro e quanta surpresa! contaram com a presença de cerca de 80 primos.

- A sensação foi emocionante. Sabe quando você se sente um rei? Puxa vida, não sabia que eu era tão importante assim! Eu me senti tão orgulhoso de ver tanta gente lá para me conhecer...

Depois, em 2024, dois dos primos retribuíram a visita e vieram a Cajuru. E, assim, eles

seguem, trocando informações, somando memórias e afetos.

O primo Anthony foi quem esteve na cidade dos antepassados, lá na Itália, e enviou as fotos da casa, que foi o berço da família. Outra prima trouxe as informações sobre os Costanzo assassinados na inquisição.

Entre muitas mãos, o quebra-cabeça vai ficando completo mais rapidamente.

Nas conversas, descobrem que compartilham gostos, jeitos e formas de conduzir a vida. Na casa de Ray, não podiam faltar macarronada, polenta e frango caipira.

- O estilo italiano sempre esteve no sangue e eu trago isso comigo. Apesar da pouca convivência, na família, há predominância italiana na comida, no estilo de vida, no jeito de falar e de abordar as pessoas. Em tudo isso tem um toque italiano.

Hoje, Ray é um dos últimos guardiões de tantas dessas memórias. Nos anos recentes, perdeu seus pais e os dois irmãos. Soma forças com os primos, e vai seguindo.

Colocou uma plaquinha com os nomes do bisavô e do tataravô no túmulo de seu pai, em Cajuru. E conta que, antes mesmo de ter a confirmação da data exata do nascimento do tataravô, intuiu a data exata.

- É a minha origem, sabe? Eu já sabia!

Agora, o plano é visitar Guardia, na Itália, para ver de perto o que o coração sempre sentiu.

- Eu sinto orgulho e satisfação de saber que tenho um laço italiano. Daqui eu saí, aqui eu cheguei.

A última peça? Ele não sabe se realmente existe. A história, afinal, continua sendo escrita entre o tempo e as gerações.

Este livro foi composto em tipo Google Sans, impresso sobre papel Offset 120g/m² e Cartão 250g/m² pela Gráfica São Francisco, em Ribeirão Preto, no mês de agosto de 2026, com tiragem de 300 cópias.

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

volume II

É difícil encontrar um ribeirão-pretano que nunca tenha provado o famoso sorvete do Geraldo! Pouca gente sabe, entretanto, que na raiz dessa delícia está a história da família Caramori, que partiu de Treviso, na Itália, com destino ao Brasil. De Lázzari, Toniolo, Tittoto, Costanzo, Cantarelli: tantas outras famílias italianas precisaram partir, atravessar o oceano e recomeçar. O que tiveram em comum? Força italiana: é a resposta que nos trouxeram as histórias narradas por italianos - e seus descendentes - que escolheram Ribeirão Preto e região para recomeçar. E assim nomeamos esse projeto, que chega à sua segunda edição, com a proposta de resgatar memórias e costurar histórias entre gerações. Em busca dessas raízes, a jornalista Daniela Penha entrevistou famílias e, a partir desses relatos, transformou lembranças, documentos e histórias familiares em narrativas literárias. Navegar é preciso! Mas como é bonito retornar ao começo da jornada.

**FORÇA
ITALIANA**

